

Lucilia Maria da Silva Soares Barbosa
Betijane Soares de Barros



**APRENDIZAGEM EM CONSTRUÇÃO:
UM DEVER DE TODOS**

DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros

REVISÃO ORTOGRÁFICA: Editora Hawking

DIAGRAMAÇÃO: Bruna Natalia de Freitas Silva

DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking

IMAGENS DE CAPA: Editora Hawking

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2021 Editora HAWKING

Rua Luiz Clemente de Vasconcelos, 725B, Clima Bom I. Maceió/AL.
CEP 57071-040

www.editorahawking.com.br

editorahawking@gmail.com

Catálogo na fonte

Departamento de Tratamento Técnico da Editora Hawking

Barbosa, Lucília Maria da Silva Soares, Barros, Betijane Soares.

Aprendizagem em construção: um dever de todos / Lucília Maria da Silva Soares Barbosa, Betijane Soares de Barros. Maceió: Hawking, 2021.

Livro Aprendizagem em construção: um dever de todos
121 p. (e-book)

ISBN: 978-65-88220-19-1

Disponível em: www.editorahawking.com.br

I. Aprendizagem. II educação III. Criança. IV Escola
Editora Hawking.

CDD: 370

Lucília Maria da Silva Soares Barbosa
Betijane Soares de Barros

APRENDIZAGEM EM CONSTRUÇÃO: UM DEVER DE TODOS

1º edição

Maceió-AL
2021



Direção Editorial

Dra. Betijane Soares de Barros, Instituto Multidisciplinar de Maceió – IMAS (Brasil)

Conselho Editorial

Dra. Adriana de Lima Mendonça/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dra. Ana Marlusia Alves Bomfim/ Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Ana Paula Morais Carvalho Macedo /Universidade do Minho (Portugal)

Dra. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Eduardo Cabral da Silva/Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Brasil)

Dr. Fábio Luiz Fregadolli//Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Maria de Lourdes Fonseca Vieira/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Jamyle Nunes de Souza Ferro/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Laís da Costa Agra/Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ (Brasil)

Dra. Lucy Vieira da Silva Lima/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Rafael Vital dos Santos/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dr. Anderson de Alencar Menezes/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Patrocínio Solon Freire/Instituto Federal de

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO OLHAR VYGOTSKYANO	1
CAPÍTULO 2: APRENDIZAGEM: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO	6
CAPÍTULO 3: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO	10
CAPÍTULO 4: UM DIREITO DE TODO CIDADÃO	15
CAPÍTULO 5: PROFISSIONAL DA APRENDIZAGEM	19
CAPÍTULO 6: TEMPO ESCOLAR X APRENDIZAGEM	34
CAPÍTULO 7: A CRIANÇA E SUA INFÂNCIA	35
CAPÍTULO 8: O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA	41
CAPÍTULO 9: AMPLIANDO POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM	45
CAPÍTULO 10: ESCOLA, APRENDIZAGEM E CIDADANIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	47
Pensando uma nova concepção de escola	
A escola como detentora do saber	
Escola: organização associada ao tempo e espaço histórico	
REFERÊNCIAS	88

APRESENTAÇÃO

O presente livro possui como tema o processo de construção da aprendizagem através do olhar Vygotskyano, tendo como linha de pesquisa científica: educação, sociedade e cidadania. O presente tema tem grande relevância no mundo acadêmico, pois, questões relacionadas ao desenvolvimento da aprendizagem estão em debate, sendo discutidas em muitos artigos científicos. Tendo em vista a atual situação da educação no Brasil, onde cada vez mais cresce o descaso com a escola por parte dos alunos, o abandono escolar tem crescido assustadoramente, por mais que o governo invista, os resultados ainda não aparecem na grande massa, jovens da população menos assistida estão abandonando a escola com maior frequência.

A aprendizagem não é obedecer a comandos e, sim, despertar através da curiosidade e, para isso, necessita de incentivo. A aprendizagem ao longo dos tempos tende a evoluir, desde o princípio, a criança aprende falar uma língua e conhecer o seu meio, buscando interagir com as

outras pessoas, culturas e a ser aceita através de seus conhecimentos e habilidades.

O processo de aprendizagem, busca pelo conhecimento prévio dos alunos, através de conhecimentos pré-existentes do aluno é possível descobertas de valores incomparáveis.

CAPÍTULO-01

APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO OLHAR VYGOTSKYANO

São muitos os estudos sobre a aprendizagem e, especialmente, sobre a classificação das diferentes concepções de aprendizagem em diversas teorias, também denominadas correntes epistemológicas. No entanto, ao longo desses estudos, os autores estão longe de um consenso sobre a localização da Teoria de Vygotsky, já aceita por muitos como uma teoria da aprendizagem. Nos estudos específicos sobre a aprendizagem, me deparei com a Teoria de Lev Vygotsky, que, se contrapondo às ideias vigentes à época, entendia que a aprendizagem não era uma mera aquisição de informações, não acontecia a partir de uma simples associação de ideias armazenadas na memória, mas era um processo interno, ativo e interpessoal (VIGOTSKI, 2018).

As formas de aprender, ou abordagens que explicam a forma pela qual o sujeito aprende e se desenvolve, vigentes à época em que Vygotsky propôs um

novo modelo para a educação de que toda prática educativa traz em si uma teoria do conhecimento (VIGOTSKI, 2018).

Desse modo, as características individuais são determinadas por fatores externos ao indivíduo. Igualmente, desenvolvimento e aprendizagem se confundem e ocorrem simultaneamente. Essa maneira de se conceber o conhecimento influenciou amplamente teorias psicológicas e pedagógicas que se traduziram em concepções de ensino e aprendizagem (VIGOTSKI, 2018).

O professor é um auxiliar do aluno, um facilitador, pois o aluno já traz em si um saber que ele precisa, apenas, trazer à consciência, organizar, ou, ainda, recheiar de conteúdo. O professor deve interferir o mínimo possível. Esse professor deveria acreditar que o aluno aprende por si mesmo e o máximo que ele pode fazer é auxiliar a aprendizagem do aluno, despertando o conhecimento que já existe neste. Assim, pode-se esperar que uns nasçam para aprender, e aprendem facilmente; outros não (RAAD, 2016).

Aprendizagem é, por excelência, construção: ação e tomada de consciência da coordenação das ações. Assim, não se pode exagerar a importância da bagagem hereditária nem a importância do meio social. Assim, é possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. Vygotsky (1982) não nega que exista diferença entre os indivíduos, que uns estejam mais predispostos a algumas atividades do que outros, em razão do fator físico ou genético.

Contudo, não entende que essa diferença seja determinante para a aprendizagem. Ele rejeita os modelos baseados em pressupostos inatistas que determinam características comportamentais universais do ser humano, como, por exemplo, expressam as definições de comportamento por faixa etária, por entender que o

homem é um sujeito datado, atrelado às determinações de sua estrutura biológica e de sua conjuntura histórica (RAAD, 2016).

Discorda também da visão ambientalista, pois, para ele, o indivíduo não é resultado de um determinismo cultural, ou seja, não é um receptáculo vazio, um ser passivo, que só reage frente às pressões do meio, e sim um sujeito que realiza uma atividade organizadora na sua interação com o mundo, capaz, inclusive, de renovar a própria cultura (RAAD, 2016).

Mas, se para Vygotsky, o homem já é produto do meio, o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Para ele, não há a "natureza humana", a "essência humana". Somos primeiro sociais e depois nos individualizamos. Contudo, ele nega uma natureza humana apartada do meio. Vimos que o interacionismo pressupõe a existência desses dois elementos que, relacionando-se, produzem o conhecimento (MARQUES; CARVALHO, 2017).

Vygotsky, dessa forma, resgata a importância da escola e do papel do professor como agentes indispensáveis do processo de ensino-aprendizagem. O

professor pode interferir no processo de aprendizagem do aluno e contribui para a transmissão do conhecimento acumulado historicamente pela Humanidade. É nesse sentido que as ideias de Vygotsky sobre a Educação constituem-se em uma abordagem da transmissão cultural, tanto quanto do desenvolvimento (MARQUES; CARVALHO, 2017).

CAPÍTULO-02

APRENDIZAGEM: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Aprender não é fácil. Exige do estudante disposição para enfrentar o desconhecido e encarar dificuldades, contradições, dilemas e desafios que de forma natural ou artificial perturbam. Esses desafios assumem contornos de obstáculos à medida que os recursos intelectuais dele não são suficientes para compreendê-los. O ser humano precisa, então, acionar o que sabe. Somente ao colocar em prática seus esquemas de assimilação já construídos ele estabelece novas relações para tentar entender o que não sabe (ANDRADE et. al., 2020).

Um novo objeto de conhecimento apresenta resistência e, para conhecê-lo mais de perto, é necessário acionar conhecimentos prévios e lançar mão de algum (ou muito) esforço intelectual. Depois de aproximações sucessivas e reflexões sobre o novo, crianças e adolescentes têm condições de passar de um estado de

menor para um de maior conhecimento (ANDRADE et. al., 2020).

Portanto, para compreender algo, é necessário refletir, pensar, estabelecer relações e resistir mais do que os próprios objetos de conhecimento. Quando o ser humano se sente fortalecidos a enfrentar as tensões propostas nas situações adversas se relacionam mais com o conhecimento do que com o conhecido. Eles estão dispostos a redimensionar a capacidade de autoria em suas produções, e suas motivações para estudar e realizar atividades tornando-se profundos, não se deixando macular pelas adversidades (ANDRADE et. al., 2020).

Por outro lado, aqueles que não se sentem encorajados a enfrentar esses dilemas acabam ocupando o lugar do fracasso. Em vez de consolidar a ideia de que muitos têm dificuldades de aprendizagem, é mais produtivo pensar em meios para ajudá-los a reconhecer suas potencialidades para lidar com as tensões do processo (SANTOS et. al., 2020).

A percepção da própria capacidade depende da forma como cada um é visto. A imagem construída pode

ser positiva ou negativa e o reconhecimento das próprias habilidades é determinante para a vida. Para avançar, é preciso expor ideias, hipóteses, representações e teorias. Sem autoconfiança, o ser humano não diz o que sabe por medo e por pensar que não é capaz de aprender (SANTOS et. al., 2020).

Se faz necessário um professor para ajudar esses seres, seja em qualquer fase a se reconhecer como sujeitos intelectualmente ativos (SANTOS et. al., 2020).

Entre as ações que favorecem a relação com o conhecimento estão averiguar o que eles pensam sobre o objeto a ser estudado e reconhecer que há um grande esforço intelectual por trás das ideias e representações expostas. À medida que o professor conhece os saberes do grupo, tem mais condições de regular o desafio nas propostas em sala, atendendo às necessidades de cada um (FONTE; DUARTE, 2020).

Quando se depara com a diversidade, não pode classificar quem sabe menos como alguém que tem dificuldade de aprendizagem. Essas duas condições não são idênticas ou equivalentes. Ter menos conhecimento do

que a maioria apenas indica que se precisa de mais atenção ou de atividades diferenciadas (FONTE; DUARTE, 2020).

Cabe ao educador ajudar a impulsionar e a infundir o desejo de enfrentar os dilemas inevitáveis do processo de aprendizagem. Um bom ponto de partida é reconhecer que ele não é fácil, não é uma brincadeira. Muitos dos avaliados como tendo dificuldades, na verdade estão desencorajados a enfrentar as contradições intrínsecas desse processo. É preciso ajudá-los a redimensionar a autoconfiança diante dos desafios, legitimando a possibilidade dos erros e valorizando mais a reflexão do que o resultado acabado (MARTINS, 2017).

Para compreender algo novo, é essencial ter uma boa dose de coragem, ousadia e persistência. Ensinar pressupõe articular o modo de ser e pensar do aluno com as estruturas epistemológicas dos conteúdos. A baliza dessas ações são o compromisso, o trabalho, o afeto e a implicação de todos os envolvidos (MARTINS, 2017).

CAPÍTULO-03

CAMINHOS DA EDUCAÇÃO

Numa retrospectiva educacional, é possível perceber que, do ponto de vista quantitativo, a escolaridade tem aumentado cada vez mais, principalmente as Universidades, que têm se estendido por todo mundo, e no Brasil não é diferente. Atualmente, há muitas facilidades entre elas: financiamentos estudantis, bolsas federais e particulares, e isso tem favorecido muito o desenvolvimento da educação. Cursos e mais cursos tem sido ofertado (TEIXEIRA et. al., 2016).

O caminho seguido pela educação tem sido oscilante, pois a maioria de seus profissionais não se sente apoiada em suas convicções, sem falar no respeito que precisa ser resgatado. É preciso reestabelecer o verdadeiro papel do professor, enquanto educador, que vai além de garantir aos alunos a possibilidade de ascensão profissional e contribui para torná-los cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades (TEIXEIRA et. al., 2016).

Acredita-se também que a família faz parte desse processo, levando-se em consideração o processo-aprendizagem. As famílias precisam estar atentas para o comportamento dos filhos dentro e fora da escola, para a relação deles com os professores e colegas, o respeito à comunidade escolar, a frequência às aulas e, sobretudo, vigiar as amizades. Ou seja, estar a par da situação. Se a família cumprir o seu papel, estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno (MELO; LEONARDO, 2019).

É necessário a troca de conhecimentos, de relações positivas e conflitos, porque professores e alunos fazem parte de diferentes posições e expressam opiniões diferentes, muitas vezes distanciadas pela diferença de idade, de posição social, linguagem utilizada por ambos, então acabam fechando-se entre si, impedindo o surgimento de uma relação harmoniosa e isso atropela a aprendizagem em todos os estágios do desenvolvimento cognitivo, além de trazer o risco de um comportamento autoritário por parte do professor, estimulando o afastamento do aluno e ainda uma relação de conflitos

(fator preponderante no afastamento e desistência de muitos professores, pois estamos perdendo o caminho da educação, quando saímos de nossa posição de educador para tentar assumir o papel da família). Sendo o “tio” e a “tia”, a relação professor-aluno foi desgastada, a ponto de ser afrontados e professores começarem a abandonar a profissão, enquanto outros iniciantes não querem sequer seguir carreira. A cada dia se forma menos professores nas Universidades em relação aos anos anteriores (BIANCHINI; VASCONCELOS, 2017).

O tradicionalismo nas escolas ainda é forte quando se trata da relação professor-aluno, estando o mesmo arraigado no educador que, muitas vezes, para não enfrentar o “novo”, acha mais fácil dominar no grito e com rigidez. Há expectativas que permeiam um novo modo de ser, de agir e se relacionar no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, a partir do momento em que o educador passa a se relacionar com o educando com o compromisso de ajuda, cumplicidade e que ambos, através da consciência crítica e de reflexão, adquirem autonomia para agir, questionar e até mesmo interferir no

âmbito educacional, interferindo assim na aprendizagem de fato (ZUCCHETTI; MOURA, 2017).

A questão ou o problema persiste em sempre adiar situações cada vez mais urgentes, na educação ou em outras situações parecidas, uma vez que não nos damos conta da necessidade de pesquisas científicas (ZUCCHETTI; MOURA, 2017).

O conhecimento não é uma mágica que surge do nada; e nos dias atuais, com o advento da internet, os estudantes têm lido bem menos ou quase nada, por falta de tempo ou por ocupação do mesmo com as redes sociais, por exemplo (SIMÃO; ESTEVÃO, 2020).

Cada vez menos estudantes se aplicam às pesquisas e poucos têm se aplicado ao campo da Ciência e do conhecimento, gerando assim um impacto na educação e por vezes no ensino-aprendizagem, já que um bom profissional certamente dará continuidade a essa sequência, agindo nessa perspectiva prospectiva (BOUFLEUER, 2019).

O que se deseja é que o professor deixe de ser apenas um conferencista e que estimule a pesquisa e o

esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas (BOUFLEUER, 2019).

É preciso uma tomada de decisão por parte do professor, para que a criança ou adolescente sinta curiosidade pelo aprender a fazer fazendo e não seja apenas o espectador. O professor não pode limitar o conhecimento da sua ciência e deve estar sempre bem informado a respeito de peculiaridades do desenvolvimento psicológico da inteligência da criança ou do adolescente, esse elo é imprescindível no conjunto educação e aprendizagem (FERNANDES; GOMES, 2020).

CAPÍTULO-04

EDUCAÇÃO: UM DIREITO DE TODO CIDADÃO

Através dos mecanismos hereditários são ativados os contatos com as coisas que estão por perto. As formas de comportamento são encontradas de geração em geração, através da educação, e se desenvolvem através de ações e interações sociais diferentes de acordo com o indivíduo (SIMÕES; YUNG, 2018).

Desde o nascimento da criança, ela não conhece nenhum idioma, mas é através de ensinamento pela família que aprende uma língua, ou seja, ação educativa de alguém para com a criança (SIMÕES; YUNG, 2018).

Surge, então, as evidenciadas potencialidades do sistema nervoso. Isso é indispensável na formação educativa e no desenvolvimento mental que é fornecido pela educação. O papel da educação é simplesmente instruir, é alimentar o sistema contido no ser humano, já que o mesmo faz acúmulos na sua memória (SIMÕES; YUNG, 2018).

O raciocínio deve ser considerado quanto às noções de número, espaço, ordem, quantidade, movimento, tempo, velocidade e muito mais, considerando os níveis mentais e intelectuais da criança (SOUSA; FERREIRA, 2019).

Pensando assim, todos são capazes. Todo ser humano possui o direito de ser incluído em um contexto representativo de saberes e perspectivas de evolução, desde a mais tenra idade, pois o papel formador da educação moral se opõe às tendências tradicionais, em relação à hereditariedade (SOUSA; FERREIRA, 2019).

A educação não é apenas o desenvolvimento natural e sim a condição necessária para que a mesma aconteça. Dizer que toda pessoa tem direito à educação não é apenas sugerir. Vai muito além das suas estruturas mentais mais essenciais sem uma contribuição exterior. O fator social e educativo constitui um grande aliado no desenvolvimento e aprendizagem da criança ou adolescente (SANTOS; SCHMIDT, 2017).

É fato que todo ser humano tem direito a educação. Porém, nem sempre esse direito é assegurado, devido às

condições físicas e principalmente psicológicas. Assegurar esse direito é necessário, dando boas-vindas a esses alunos, sem fazer questionamentos sobre suas possibilidades e dificuldades. Respeitando-os, em seu cotidiano escolar, visando sempre capacitação e melhoria para a vida do educando (SANTOS; SCHMIDT, 2017).

A inclusão deste educando implica em mudanças de paradigmas, conceitos e costumes, onde muitas vezes ele é visto como coitado ou incapaz. Precisa-se vencer barreiras, pois elas são colocadas na frente diariamente, quando não se dá conta de situações simples como pensar que o educando só porque vem de comunidade pobre, não é capaz de realizar e produzir trabalhos excelentes, participar de olimpíadas e concursos a nível nacional (TEIXEIRA et. al., 2016).

A declaração de que a educação é direito de todos precisa sair do âmbito verbal e partir para a realização de fato, utilizando os conhecimentos psicológicos e sociológicos que temos a respeito do desenvolvimento mental, elaborando métodos que favoreçam o educador para que se possa atingir os melhores níveis de formação e

não um simples repasse de conhecimentos (TEIXEIRA et. al., 2016).

Na maioria das vezes, o fracasso ou sucesso do educando é repassado para a escola, mas o peso do fracasso dói mesmo é no indivíduo e nas possibilidades de adaptação à vida social. O direito que o indivíduo tem de desenvolver-se normalmente e transformar essas possibilidades em avanços úteis na vida (MELO; LEONARDO, 2019).

CAPÍTULO-05

PROFISSIONAL DA APRENDIZAGEM

Diante da situação difícil de aprendizagem nas escolas, de acordo com pesquisas e mais pesquisas, a educação vai mal; isso devido a aprendizagem não corresponder às expectativas, tanto dos professores, quanto das políticas públicas educacionais. O aluno tem três anos para ser alfabetizado em um dos programas, e ainda não está atingindo essa meta, estão chegando no 5º Ano do ensino fundamental e, mesmo assim, ainda não leem, em alguns, não sabem escrever o seu próprio nome (RIBEIRO, 2020).

Para se ter uma boa educação é necessária uma boa aprendizagem. Além disso, parece evidente que toda aprendizagem bem-sucedida, realizada de maneira lúdica, tendo encontrado os meios de identificar suas aquisições e de regular seus métodos é autenticamente educativa. Os professores, aliás, concebem isso muito bem. E, no entanto, resistem. Todos resistem à ideia de que o educador possa ser definido como um profissional

administrador da aprendizagem (CORSO; MEGGIATO, 2019).

Falando em educação, logo pensa-se em aprendizagem, mas isso nem sempre são interligados, há uma dificuldade em tornar a aprendizagem visível. As dificuldades são evidentes na vida dos alunos e professores. Na maioria dos casos as atividades são descontextualizadas e de não tem sentido para os alunos, quando o professor utiliza situações do cotidiano desse aluno, fica mais estimulante, e instiga a curiosidade e conseqüentemente a vontade de fazer (DINIZ et. al., 2020).

A evolução tecnológica e social, exige novos saberes, experiências e desafios. É preciso competência no que se faz, e as habilidades são cada vez mais valorizadas. Nesse contexto social, não dá para estacionar, a busca de atividades lúdicas tem sido um caminho, para o encontro da educação com a aprendizagem bem-sucedida em todos os sentidos (GUERRA; VERDU, 2020).

Quando o aluno se sobressair, em sua trajetória escolar, a aprendizagem evolui e em seguida os desafios

tornam-se maleáveis, é uma busca constante, nada está pronto. Ainda é necessário a autonomia intelectual, para construir um cidadão independente (LOURENÇO; PAIVA, 2016).

Aprender com prazer através de situações do cotidiano é a forma mais interessante, é unir o útil ao agradável pode-se dizer, as escolas precisam pensar nessa situação. As experiências vividas por cada um são bem interessante, é uma forma de valorizar a pessoa, fazer com que se sinta útil e ainda parte importante de um contexto social (LOPES; ROSSATO, 2018).

Quando na vida nem tudo é uma sequência, ao nascer a criança já passa a ter conhecimento do mundo ao seu redor, seus primeiros movimentos já são adquiridos conhecimentos mesmo que esses não sejam observados e valorizados. No simples gesto de procurar o seio da mãe, ela já transmite conhecimento e aprende com os gestos da mãe, o cheiro, o olhar e tantos outros. As particularidades são visíveis em cada criança nas distintas fases escolar. Pode-se afirmar que as escolas reproduzem atos desfavoráveis a aprendizagem, parece buscar um caminho

mais difícil ou lento (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2020).

É de se esperar que a reflexão sobre a configuração do estatuto do papel dos professores não seja uma tarefa isenta de dificuldades. Se, para aqueles que partilham dos pressupostos e das crenças que o paradigma pedagógico da instrução divulgou, esta era uma problemática que não justifica grandes discussões, dado que a centralidade pedagógica do professor no espaço de sala de aula e nas escolas é inquestionável, há de se ter em conta a abordagem do paradigma pedagógico da aprendizagem para a qual os professores, mais do que agir, terão de, no mínimo, não obstaculizar a aprendizagem dos seus alunos. Trata-se, como se depreende, de duas perspectivas que apresentam, só por si dificuldades acrescidas aos professores (LOPES; ROSSATO, 2018).

É bom lembrar que o aluno, boa parte dos alunos são ignorados pela própria família, e ao chegar na escola esperasse uma nova vida através do carinho e compreensão de todos seja constante e não ignorados pelos seus professores tanto na cultura como em diversas

particularidades, que quando isso acontece a aprendizagem é afetada também, o legado do professor reflete nas ações do aluno, basta da mais atenção e prestar a devida atenção nas atitudes desse aluno, a centralização na aprendizagem faz toda a diferença na vida do aluno e do professor (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2020).

Na vida de todos os professores quem nunca vivenciou uma situação parecida, mas é preciso cautela ao pensar-se nessas atitudes, na questão aprendizagem, ou escola, vale a pena não só na ação dos professores e sim da pedagógica. Buscando sempre conhecer o meio em que este aluno vive, recorrendo as situações familiares dos alunos, como forma de aconchego e até que ele mesmo, perceba que alguém se importa com ele, se assemelha os seus ideais. É uma forma de identifica-se com seus problemas e daí vem uma aproximação e ao mesmo tempo um elo maior entre ambos, e no processo ensino-aprendizagem isso é imprescindível (OLIVEIRA; STEIN, 2018).

Esse é o ponto de partida, na busca pelo conhecimento prévio dos alunos é possível descobertas de

valores incomparáveis. A função do professor é tornar a aprendizagem viável ao aluno e isso nem sempre acontece, na busca do cumprimento do planejamento escolar muitos se perdem e até mesmo o aluno fica perdido em meio a tudo isso (CAVALLIERI, 2016).

Ao iniciar um projeto escolar, seja de qualquer natureza é importante levá-lo ao conhecimento do aluno antes de mais nada. Para que as finalidades se concretizem, é importante, então, que o problema se afirme pela abertura, na qual possa permitir a possibilidade de utilizar diversos tipos de abordagens, não admita, apenas, uma solução prévia e mais ou menos prescrita e construa um desafio que os alunos possam enfrentar com sucesso. É a partir deste conjunto de condições que a aprendizagem por meio de resolução de problemas se pode concretizar, permitindo aos alunos aprender a desenvolver estratégias, a trabalhar em conjunto, a monitorizar o que realizam e a autonomizar-se progressivamente no âmbito das tarefas de aprendizagem (CORTEZ, 2019).

O apoio ao desenvolvimento de projetos é essencial para que a aprendizagem aconteça de fato. É bem comum pensar-se e agir de forma errada, que o aluno vai se interessar por qualquer coisa, aprender só tem sentido se for com prazer e por prazer ao sugerir situações problemas para o aluno é o de projetos, precisa-se compreender conhecimento de mundo e contexto social do aluno, deixa de fazerem sua parte enquanto educador para buscarem apenas reclamações de melhoras de serviço, ou dos governantes, esquecendo assim seu papel de professor (CORTEZ, 2019).

Enquanto busca-se soluções para a aprendizagem em outras pessoas, se elas querem saber ou sentem na pele essa necessidade de mudança na educação, visando sempre a aprendizagem e seus processos, então, estão mergulhados no poço da incompetência em todas as esferas. Um cidadão que aprender de fato nunca vai esquecer seus princípios e valores, agregados a isso estão o bem-estar da pessoa (FONTE; DUARTE, 2020).

Aprender é um desafio tanto para o professor quanto para o aluno, já que se tem conhecimentos

diferenciados em todos os sentidos. Educar é investir em alguém, para que se tenha um país melhor, com pessoas capazes de fazer uma nação de verdade, com realização tanto pessoal quanto profissional. Pensar sempre no que o aluno tem que aprender é um ponto relevante para a educação e aprendizagem. Transportar para a sala de aula o novo, o diferente e ao mesmo tempo o que o aluno já convive em seu contexto social, o saber diário de sua vivência com o meio no qual está inserido (FONTE; DUARTE, 2020).

A sala de aula precisa torna-se um espaço de aprendizagem, para o aluno, não deixando de lado os valores e atitudes, capazes de transformar pessoas em cidadãos melhores. O espaço escolar pode ser um espaço democrático, dar-se ao luxo de os alunos, serem bem-sucedidos na vida escolar e cotidiana é muito importante (ANDRADE et. al., 2020).

A educação enquanto fator de equalização social, será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida de cumprir a função ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles sentimentos de

aceitação dos demais e pelos demais. Portanto, educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica (RIBEIRO, 2020).

Ser aceito em uma sociedade, após uma vida de marginalidade não é fácil, a escola tem um social de integração nesse sentido de apoio e respeito a essas diferenças. Ao excluir os alunos estar-se-á entregando para a marginalidade. A escola que se quer precisa estar alicerçada nos parâmetros de autoajuda aos menos favorecidos, levando-os a aprender na prática, aproveitando suas experiências sociais em todos os sentidos, que torne o aprender significativo, e então os resultados virão (GUERRA; VERDU. 2020).

Pensando bem a educação fará sentido quando se conecta a escola, de maneira que o professor seja tocado a entender de fato que o aluno precisa e necessita aprender. O que vai ser útil em sua vida de trabalho e principalmente

no seu cotidiano, a praticidade das coisas será de suma importância nesse sentido (LISBOA et. al., 2016).

Isso funciona muito bem com os alunos maiores, onde boa parte deles já compreendem o que querem para suas vidas, enquanto os menores não ainda não compreendem, em boa parte deles isso funciona, por serem de uma mentalidade mais madura. O melhor é não desistir desses alunos, que são menos participativos. Buscar a valorização dos saberes para o espaço propício ao processo de aprendizagem e compreender as diferentes maneiras de ensinar, o tipo de escola, que vem sendo discutida e avaliada a cada ano, esse novo modelo da educação que vem favorecendo uma parte menor da sociedade, onde no decorrer de sua vida escolar, muitas vezes são atropelados pelo sistema educacional vigente do momento (PAIVA; LOURENÇO, 2017).

Pensar na aprendizagem é, portanto, pensar história; mas a história é, sob muitos aspectos, impensável. Assim, é preferível “agir a aprendizagem”, ou seja, não renunciar a um dos dois termos da alternativa, mas colocá-los em tensão para colocar-se sob tensão. E quanto mais

profundamente estevar-se-ão empenhados em não sacrificar nenhum dos polos, maior e mais fecunda será a tensão. Não se pode dizer que isso seja fácil: não há nada aí que pareça uma reconciliação tranquilizadora e o caminho aberto não é o de uma harmonia perfeita; a tranquilidade não será aí nosso prêmio diário. O que é tranquilo, como bem sabe-se, nos dias de cansaço, é voltar ao conforto do “faça como você quiser” ou do “faça como eu quero”. O que é fecundo, por outro lado, é buscar incansavelmente aquilo que poder-se-ia querer juntos (MAIA; STRUCHINER. 2016).

A aprendizagem é buscar junto com o aluno através de seus anseios e vontades, descobertas favoráveis para a vivência e compreensão de mundo de cada indivíduo. Isso deve ser constante no processo ensino aprendizagem, há diversas alternativas para cada contexto social, pensando em uma sala de aula onde se tem diversos saberes e vontades, pode-se filtrar tudo isso, para uma evolução favorável no sentido de ampliação dos saberes, tanto do professor quanto do aluno. Durante a trajetória escolar, tenho observado muitas situações de

aprendizagem. Algumas tem um sentido implacável na vida escolar dos alunos, a exemplo disso quando um professor inicia uma sequência didática, trazendo seus alunos a uma realidade diária, com pessoas, alimentos, ambientes, moedas, o mundo ao seu redor, tudo fica mais fácil (LOCATELLI, 2019).

O apoio necessário e compreensão é o ponto chave, para uma boa articulação de saberes, pode-se fazer isso de maneira sutil e construtora de conhecimentos. Levando sempre em consideração os saberes do aluno, o professor terá êxito com o aluno e a aprendizagem. Partindo da necessidade, fazendo junção do que se sabe com o que precisasse aprender (ALMEIDA et. al., 2016).

Nem sempre o que a escola ensina é o que o aluno precisa aprender, para ser bem-sucedido na vida. Quando tenta-se ensinar algo que, não se sente atração, estão fadados ao descaso e conseqüentemente não se aprende. A mente começa a se perguntar por que estudar isso? Quando se tem uma resposta satisfatória, logo surge a vontade de aprender. Funciona como se fosse um caminho abrindo em direção ao desconhecido. E nessa caminhada

trilha-se vários obstáculos, mas tem-se um foco e sabe-se onde querem chegar (FRISON; ZANON, 2017).

O que pode se esperar, o que se deve procurar é, em primeiro lugar, um ponto de apoio no sujeito, mesmo o mais sutil, um ponto ao qual articular um aporte, onde instalar um mecanismo para ajudar o sujeito a crescer. Isso poderá ser, às vezes, um desejo de saber e de compreender nascido de uma situação totalmente estranha à escola: não se imaginam os desafios formidáveis que podem representar para uma criança, em sua família ou em seu meio, a possibilidade de poder ler a programação da televisão ou de calcular a porcentagem de suco de frutas que ela bebeu na semana em relação aos seus irmãos (ROCHA; ROZEK, 2018).

O momento de encaminhar esse aluno é propício e todas as áreas, mas é um tanto provável que ao estimularmos a novas buscas, se está dando sempre um passo com eles. Construindo parte de suas vidas, com novas perspectivas, buscando sempre o desconhecido para novas descobertas, gerando um desejo de aprender e

buscar cada vez o caminho da aprendizagem (POZZOBON et. al., 2017).

A aprendizagem precisa estar voltada para o aluno em seus diversos aspectos, tanto o social, quanto o cultural. Quem é, e como é, esse aluno e suas necessidades, os acontecimentos que marcaram sua vida social e escolar. As suas habilidades desenvolvidas e a serem desenvolvidas. Feito essas buscas da vida do aluno, que não é difícil, por que se não conhece o material de trabalho, como irá manuseá-lo? É simples pode-se trabalhar com aquilo que se conhece, o médico só receita o remédio quando faz o diagnóstico da doença. Com a aprendizagem não pode ser diferente, é preciso trilhar caminhos e sem conhecimento ou diagnóstico dessa necessidade de aprendizagem nada é possível. Costuma-se dizer que não se sabe mais o que fazer, quando na verdade nem conhece a causa da falta de interesse, das desmotivações do aluno (BONFÁ-ARAÚJO; FARIAS, 2020).

Costuma-se ouvir professores dizerem que tal aluno não quer nada com a vida, quando não verdade nem

o professor saber o que quer do aluno. A uma carência muito grande na vida de algumas crianças, seja por falta de atenção da família ou da escola como um todo. Tratar bem e dá carinho a quem já tem é muito fácil, difícil é adentrar, onde há uma barreira, devido um trauma familiar, falta de atenção, amor, cuidados. Infelizmente tenho me deparado com situações onde professores estão acostumados a trabalhar com salas de aula onde os alunos são selecionados. Os “problemáticos” fica para o colega porque não se tem jeito e nem paciência para trabalhar com alunos assim (SOUZA et. al., 2020).

É preciso buscar os conhecimentos anteriores desse aluno, enturmá-lo em salas onde sintam-se capazes, de igual para igual, isso deve ser estimulado na própria turma e o professor conhecê-lo para utilizar os suportes necessários para a aprendizagem acontecer. Eles têm suas limitações, alguns as autoestimas precisam ser melhoradas, necessitam de atenção e outros precisam ser moldados mesmo, pois as famílias estão em situação de risco e não sabem mais o que fazer. Ainda assim, eles não perderam a

sensibilidade (NICOLIELO-CARRILHO; HAGEM, 2017).

CAPÍTULO-06

TEMPO ESCOLAR X APRENDIZAGEM

Ao compreender o trajeto cognitivo humano como evolução, abrimos possibilidades para a aprendizagem. Ao dar continuidade ao processo de desenvolvimento que antecedeu a escola, abrimos caminhos para que ele continue após a escola e faça do tempo escolar um tempo de aprendizagem capaz de descortinar novos horizontes para a vida (PONTES, 2016).

Compreender processos de estruturação, e não fatos isolados, faz-nos prestar atenção no ensino não como causa de aprendizagem, mas como oportunidade de evolução de um processo mais profundo, o desenvolvimento, do qual a aprendizagem é expressão (PONTES, 2016).

Desvincular a aprendizagem do desenvolvimento, ou, pior ainda, confundi-la com ele, tem transformado a escola num varejo de conhecimentos prontos e num atacado de metodologias reprodutivistas, em detrimento

dos processos construtivos e inventivos mais profundos e duradouros (GATTI; CHAGAS, 2020).

CAPÍTULO-07

A CRIANÇA E SUA INFÂNCIA

Analisando-se as noções de infância, Wallon (2008) afirma que, para a criança, só é possível viver a infância, sendo competência de o adulto conhecer estas noções de infância e compreendê-las. Contudo, o filósofo questiona: “o que irá predominar nesse conhecimento, o ponto de vista do adulto ou da criança?”.

O adulto por ter mais experiências de vida deve ajudar a criança em suas dificuldades e desafios. Sendo a criança um ser pensante, o adulto precisa ter um olhar especial para suas atitudes e vontades, caso contrário não haverá nenhuma ajuda, nem aprendizagem (TEIXEIRA et. al., 2016).

Conhecer a criança é muito importante, para uma possível intervenção no processo de aprendizagem. O meio social deve ser conhecido, para uma aproximação de fato, seus anseios, dificuldades e aptidões (TEIXEIRA et. al., 2016).

Algumas crianças que por falta de carinho e compreensão dos pais, tendem a serem violentas, desinteressadas e pior: suas ações e atitudes refletem negativamente na sua vida como dos colegas na escola.

Há uma possibilidade de melhoras para a educação e aprendizagem, quando professores e adultos chegarem perto das crianças, vivenciarem o mundo delas com uma visão mais ampla, conhecendo seus problemas, não para resolvê-los, porque não cabe a nós, mas encontrar o caminho para ajudá-los em suas dificuldades de aprendizagem. Quem não lembra de suas dificuldades quando criança e não tinha ajuda, pois ninguém lhe compreendia, e não podia ajudar para que as barreiras fossem rompidas (MELO; LEONARDO, 2019).

O desenvolvimento da criança se dá em função de experiências sócio históricas dos adultos. Para compreender a criança e seu comportamento e atitudes, precisa-se considerar o contexto social e familiar. Para entender o desenvolvimento emocional da criança, precisa-se entender o universo no qual ela está inserida e ainda as pessoas que as rodeiam compreendendo suas

relações e o espaço sócio afetivo cultural. Como disse Wallon (2008), a atividade mental não se desenvolve num único plano por uma espécie de crescimento contínuo, ela evolui de sistema em sistema.

A mente trabalha independente do tempo e suas condições. A criança recém-nascida ao gesticular com a boca, produzindo pequenos sons, já simboliza ou apresenta desejo de se comunicar, utilizando assim a fala mesmo que ainda não seja nítida para os que a cercam. Com o passar do tempo, esses movimentos dão lugar a pronúncia de sílabas, palavras e leitura de textos (MELO; LEONARDO, 2019).

Essa atividade mental evolui sempre. Exemplo disso é quando as pessoas têm hábitos constantes de leitura, cada dia enriquecendo seu vocabulário, imaginação, escrita e autoestima. A mente em desenvolvimento é o suficiente para a aprendizagem acontecer (BIANCHINI; VASCONCELOS, 2017).

A criança comporta-se de acordo com suas vontades, independentemente de sua idade, pois não há percepção de perigo ou favorecimento nas suas ações.

Mesmo sendo difícil perceber, a criança age por impulso, sem, na maioria das vezes, dar-se conta do que faz. Por isso, em uma instância maior, precisa do apoio e cuidado dos adultos. Já os adultos têm noção do que fazem, e conseguem pensar antes de agir, planejando e observando tudo ao seu redor, justamente pela maturidade adquirida no decorrer dos anos para a realização de tarefas diversas e complexas (BIANCHINI; VASCONCELOS, 2017).

Wallon (2008) disse: “O comportamento de cada idade é um sistema em que cada uma das atividades já possíveis concorre com todas as outras, recebendo seu papel do conjunto”. Isso nos leva a entender que no início da vida infantil o ritmo de aprendizagem é muito acelerado; a criança aprende tudo ao observar e tentar reproduzir o que os adultos ao seu redor estão fazendo.

Diante do estímulo apresentado, são capazes de grandes proezas. É nessa idade que a mente capta tudo da melhor maneira. As primeiras palavras pronunciadas podem ser um exemplo: ao escutar as palavras (independentemente de quais forem) as crianças

procurarão repeti-las, o que força o seu corpo a aprender o modo como elas se dão (ZUCCHETTI; MOURA, 2017).

A repetição é pedagógica não só na alfabetização. Uma criança com a idade de três anos, por exemplo, que seca os talheres e os guarda ao mesmo tempo, sem aceitar ajuda de um adulto, o faz porque viu atitude semelhante por parte de algum adulto, que agora ela tenta reproduzir. Do mesmo modo, pode-se observar crianças que tem nos pais ou adultos próximos exemplos de leitura frequente; elas logo seguem o exemplo dos mais velhos e tentaram agir da mesma forma, mesmo que folheando livros e balbuciando palavras, frases soltas, criando textos de acordo com a figura visualizada ou em ouvir alguém falar do texto (SIMÃO; ESTEVÃO, 2020).

O desenvolvimento da criança se dá de diversas maneiras; sendo assim, é preciso fazer comparações. Levando em consideração as necessidades e vontades da criança, percebe-se que há uma influência de acordo com o meio social, por parte dos adultos que convivem com elas (SIMÃO; ESTEVÃO, 2020).

A criança por sua vez é levada a fazer comparações em todos os sentidos, buscando sempre descobrir e aprender, imitando os adultos, o que resulta numa evolução constante. Pesquisando as fases da criança pode-se entender melhor o adulto e suas aptidões. A evolução mental acontece em toda faixa etária, pois a criança sempre estará evoluindo devido as suas necessidades físicas e psicológicas (SIMÃO; ESTEVÃO, 2020).

O meio social pode transformar a criança por diversos motivos. Neste sentido, diante de obstáculos, a criança fica mais alerta e buscará novos caminhos em busca de aventuras e saberes, através de desafios prazerosos, que as levarão a ter gosto pela aprendizagem. Ao mesmo tempo é uma realização para a criança e para o adulto. O meio condiciona a vida da criança. Quando a criança nasce em um lar onde não há despertamento para novos desafios, ela tende a estacionar (BOUFLEUER, 2019).

CAPÍTULO-08

O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA

São de fundamental importância as fases de crescimento da criança no seu desenvolvimento psíquico e emocional. Toda influência nessa idade, tanto de estímulos quanto de desestímulos, conta bastante no fator-aprendizagem. Pensando assim, procuramos compreender seus avanços para poder ajudá-las em um contexto sociocultural que se apresenta, na maioria das vezes, muito complexo, pois para algumas crianças é preciso um olhar minucioso a fim de lhes proporcionar ajuda quando precisam, e essa ajuda não está apenas nos professores, mas, também, nas pessoas mais próximas e que, muitas vezes, apesar de leigos no assunto, são seus educadores de base familiar (BOUFLEUER, 2019).

É preciso um encadeamento de todos; do profissional de educação até à família e a sociedade. Todos precisam estimulá-las ao desenvolvimento pleno de aprendizagem buscando fontes de progresso e determinação desse ser que, embora pareça frágil e

incapaz, tem um potencial muito grande diante das possibilidades que lhe são apresentadas diariamente (BOUFLEUER, 2019).

Ao longo da vida, o homem vem se preparando para novas conquistas, se aperfeiçoando, utilizando a linguagem propriamente dita. Esse é um registro do ser social que precisa enquadrar-se em um ambiente só seu em diversos aspectos (FERNANDES; GOMES, 2020).

Na vida, a sustentação da mente está em construção de diversas maneiras; como, por exemplo, quando se adapta aos objetos e os efeitos causados por eles a vontade e aptidão. Na criança, isso é comum através de gestos sistemáticos, sons e repetição de fonemas da linguagem falada em sua proximidade, a partir dos quais elas descobrem o mundo (FERNANDES; GOMES, 2020).

A repetição favorece esse fenômeno peculiar nas crianças; já no adulto, podemos dizer que o processo se dá de forma mais lenta, devido às diversas ocupações da mente com problemas, preocupações do dia a dia. Esse mecanismo tende a ser mais tardio por conta de tudo isso, além, é claro, do contexto social que também contribui, já

que se vive um momento de globalização onde o homem não para (SIMÃO; ESTEVÃO, 2020).

Somos curiosos, mas nem tanto. A criança nos supera em quase todos os níveis. A parte intelectual do adulto é mais aguçada, é claro, pois já viveu o suficiente para adquirir experiências, coisa que a criança ainda não possui devido o tempo de vida (SIMÃO; ESTEVÃO, 2020).

As brincadeiras na maioria das vezes são vistas apenas como descontração para as crianças, mas não é bem assim. Sempre há um objetivo dentro das brincadeiras para alcançar o intelectual da criança, brincadeiras associadas ao desenvolvimento mental e intelectual delas são muito úteis para o desenvolvimento do processo de aprendizagem (FERNANDES; GOMES, 2020).

O despertar mental durante as brincadeiras faz a criança chegar a lugares antes nunca percorridos em uma visão normal, como costuma-se pensar. Através das brincadeiras associadas ao seu convívio, ela chega ao lugar certo, o aprender com prazer, com objetividade, sabendo que a escola está oferecendo oportunidades de

elas vivenciarem a realidade e ainda aprenderem com utilidade os conteúdos programáticos (ZUCCHETTI; MOURA, 2017).

A interação através das brincadeiras faz toda diferença na vida da criança. Conhecer novas experiências e assim poder tornar-se um ser diferente, que valoriza tanto o outro como a si mesmo e os que estão ao seu redor, valorizando e respeitando o outro, socializando através de brincadeiras e abrindo horizontes que se traduz em aprendizagem. Mesmo que seja pouco, haverá sempre uma necessidade para tudo isso, que são dificuldades também na vida da criança e do adulto (BIANCHINI; VASCONCELOS, 2017).

CAPÍTULO-09

AMPLIANDO POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

A partir de habilidades presentes no eixo de interesse muitos aprendizes serão capazes de direcionar melhor suas vidas. Eles se relacionam melhor com as pessoas que se interessam pelo que fazem e, dessa maneira, acabam até por encontrarem a melhor forma para seu sustento. A descoberta dos eixos de interesse eleva os estudantes a outros patamares (GATTI; CHAGAS, 2020).

Portas se abrem para crianças historicamente fadadas ao fracasso escolar por não corresponderem às expectativas baseadas em um “aluno padrão” quando seus professores desvendam o que elas gostam de fazer. Por meio desse interesse central, elas vivem momentos de satisfação e prazer e, assim, descobrem canais de comunicação que lhes possibilitam aprender e se expressar com o universo exterior (GATTI; CHAGAS, 2020).

Não se trata de restringir ou privar, mas, ao contrário, de expandir possibilidades ao garantir o direito à diferença. Enquanto a busca pela homogeneização limita,

a diferença surpreende, amplia e enriquece. A partir dos eixos de interesse, todos os domínios de conhecimento são trabalhados, mas de modo muito mais espontâneo, prazeroso e significativo (TOMIO, 2017).

É muito provável que essa criança tenha maior êxito em seu processo de aprendizagem, de modo a descobrir maneiras de tirar proveito daquilo que gosta de fazer e a partir disso também aprender a melhor se relacionar com as demais pessoas e a constituir-se na sociedade da qual faz parte (TOMIO, 2017).

CAPÍTULO-10

ESCOLA, APRENDIZAGEM E CIDADANIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS.

10.1 Pensando uma nova concepção de escola

Sendo a escola o lugar que funciona como local de ensino coletivo, sob a direção de professores e toda uma rede de apoio, também tida como o lugar onde se pode aprender, ensinar e trocar experiências de vida, é importante salientar que, atualmente esse significado tem sido diferente. Há uma crise na educação e nem sempre esse processo de aprender, ensinar e trocar experiências tem acontecido de fato (LEWKOWICZ et al., 2019).

Encontra-se diante de desafios, é preciso encontrar respostas para uma educação cansada e fadigada, onde professores e alunos já não falam a mesma linguagem do entendimento e da compreensão. Nesse contexto fica difícil acontecer a aprendizagem, precisasse de olhares mais atento ao público escolar, pensando no aluno como alguém que também tem problemas, decepções e desilusões (LEWKOWICZ et al., 2019).

É necessário encarar a educação de maneira realista, com uma visão de mundo, onde o ser participante do processo se enquadre na sua própria história, através de novas práticas que façam valer a criticidade do aluno, pois o professor entra nesse processo como um agente participativo lado a lado com seu aluno. Essa prática tem sido abolida mesmo nas minorias que ainda ousam, discordar ou criticar. É inacreditável mais boa parte da organização escolar ainda encaram a criticidade e a maneira de pensar diferente, como afronta ou o que é pior um bom motivo para a exclusão do cidadão pensante, a escola tem agido como se o aluno fosse um robô, onde alguém dá as coordenadas e ele segue passo a passo (GIUGLIANI et al., 2020).

Enquanto não se permite ser emancipados dessas velhas e horríveis práticas, está fadado ao fracasso em todos os sentidos. Na década de 70, os professores de História por exemplo, ensinavam que era preciso estudar o passado para melhor compreensão do futuro. Ficavam apenas por aí, nunca nos ajudaram a problematizar nem intervir, muito menos transformar o presente de maneira

consciente como cidadãos donos de si. O choque é evidente para uma sociedade que passou tanto tempo como expectadora na sua própria escola, sociedade e família. Durante muito tempo esse modelo foi copiado por gerações e gerações (GIUGLIANI et al., 2020).

O conhecimento dos alunos quando ignorado, causa um desligamento entre o que está na escola e o sentido da vida social, é como se houvesse uma quebra dessa realidade de vida da pessoa, quando na verdade não dá para separar o sujeito “na escola e fora da escola como pessoas distintas” a realidade é que não dá para dividir a vida escolar e os saberes que adquirimos ao longo da vida, com os mais velhos por exemplo. A escola precisa adaptar-se a essa nova realidade, encarando de frente o problema ainda dar tempo de correr atrás do prejuízo (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

A escola tem sido um lugar prazeroso para os alunos de certa forma, mas não em todos os sentidos, ela tem sido um ambiente de cansaço e fadiga na maioria das vezes quando são colocadas como só elas são as transmissoras ou repassadoras de conhecimento, quando

na verdade o mundo está aí com tanta tecnologia ao seu dispor. Não se trata apenas do advento da internet e sim das tecnologias que já utilizavam os antepassados quando associavam o tempo do plantio com as estações e tudo dava certo, quando se utilizavam do sol para marcar as horas (CARVALHO et. al., 2019).

Quando os professores pararem para valorizar essas experiências vividas e trazidas pelos alunos certamente haverá um novo ligamento da escola com o aluno e valores serão resgatados. Abrindo um leque para uma nova página na escola e na vida cotidiana. Quando ele ver que a escola e sua realidade se entendem, são ligadas, ou seja, é uma continuidade da vida mesmo, professores que parem para ouvir seus relatos e aproveitar ligando os mesmos, ao currículo escolar, dando sentido porque eu preciso estudar isso ou aquilo, ou ainda acordar para a realidade do meu semelhante, compartilhar de suas experiências e ele das minhas. Esse elo da educação é de um valor inigualável para a vida do aprendiz, quando ele perceber que ele também faz parte desse mundo. Que não só a escola tem o que transmitir ele também faz parte da

história, que precisa ser vivida e contada (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

Essa visão precisa ser incorporada na vida das pessoas que também pensam e vivem. O que não se pode é menosprezar os saberes e as experiências dos alunos, isso tem acontecido com frequência, pois é sempre mais fácil deixar de lado as experiências trazidas pelo aluno do que acolher as ideias, é bem possível que o medo deixe isso acontecer aos professores, a insegurança, é uma forte inimiga nesse campo do saber (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

10.2 A escola como detentora do saber

A escola adquiriu ou tomou posse do processo de ação educativa de tal forma que, atualmente a maioria das famílias estão deixando “o educar” para a escola. Pode ser uma troca de papéis, já que a escola não aproveita as experiências dos alunos, a família resolveu chamar a atenção, entregando o seu melhor, em busca da devida atenção por parte dos “detentores do saber”, isso tem

empobrecido o pensamento educativo (GADELHA et. al., 2018).

De certa forma as escolas tem ocupado um lugar de empresa, onde o aluno é o produto e precisa atender as exigências estabelecidas pelo fabricante. É muita exigência para se chegar a lugar algum muitas vezes, por se tratar de situações que nem sempre atende as exigências e necessidades do ser humano, que precisa ser inserido e aceito na sociedade (SANTOS; SGARBI, 2019).

A escola precisa ser recíproca com os alunos, evoluir no processo ensinar e aprender, quando situações são vivenciadas, fica sempre mais fácil para alunos e professores. Existe ainda uma perspectiva de avanços na vida, até mesmo na vida profissional, quando percorridos os caminhos certos e em boa companhia, que são professores e alunos falando a mesma linguagem da escola, a aprendizagem ocorre com mais frequência e sentido. Considerando as experiências adquiridas do aluno ao longo da vida, a escola dará sentido à vida desse aluno (CANTARELLI; GENRO, 2016).

É preciso que as oportunidades de aprendizagem tenham a concepção real, viva e que seja interativa, para multiplicar a aprendizagem e o sentido a tudo isso seja real, tanto no cotidiano, como nas oportunidades de trabalho, no decorrer da vida profissional e social (DÉJARDIN, 2018).

A escola ideal ou apropriada, seria aquela que estimule o gosto pelo ato de aprender, através do trabalho, e tenha atitude e coragem de exercer sua opinião diante dos fatos. A escola sendo um local proveitoso para formar o ato intelectual e ao mesmo tempo, esse aluno sentisse engajado na sociedade, através do direito de falar, apropriando desse direito tornando-se um ser útil e capaz (BARBOSA; MÜLER, 2015).

A mudança de comportamento pode surgir daí e tudo isso junta-se ao ato de aprender, que é os sonhos de boa parte dos professores, mas o modo como são organizadas as escolas fica difícil essa mudança acontecer. O discurso atualmente é penoso, professores se queixam dos alunos e da família, que não dão conta de seus filhos e

por vez os alunos, boas partes não confessam sua insatisfação com os professores (BEZERRA, 2016).

Esse mal-estar é visível tanto dos professores, quanto dos alunos e aluno tem inúmeras possibilidades de reclamações, por que estuda aquela ou outra disciplina e que estudar não levar a lugar nenhum. Começa a citar exemplos de colegas e pessoas que “venceram na vida sem ir à escola”. São comparações injustas, mas é como se eles estivessem num beco sem saída e sufocados (CAMPOS; PARO, 2019).

O professor também tem apresentado suas angustias e frustrações nesse sentido é um fenômeno alarmante que atingiu parte desses profissionais e tem perdido o rumo de sua própria profissão, estão mergulhados em um mar de problemas, diversas atitudes para melhorar, foram deixadas para trás, a vontade de aperfeiçoamento também e não se ver outra coisa a não ser reclamar. Do sistema, dos alunos dele mesmo e assim vem crescendo uma geração de profissionais quase num “beco sem saída”, a desmotivação sentida pelo professor é transferida para a sociedade, em busca de culpados essa

situação tem crescido e se tornado cada vez mais difícil (CRUZ; STEFANINI, 2017).

É bem provável que essa crise educacional tem reflexo em uma sociedade decaída e sem perspectiva de mudanças, professores a cada dia se veem e presos e obrigados a usarem discursos esfarrapados de que não é possível mudar e culpam o sistema, a família, mas não procuram ver o seu próprio erro e busca melhorar sua maneira de agir com os alunos, compreendendo muitas vezes sua condição social e familiar (ARAÚJO; WESCHENFELDER, 2019).

A reorganização desses sistemas educacionais em vigor, precisa acontecer com urgência. Quando o professor passar entender que a maioria das situações adversas da educação depende de nós, em vez de reclamar precisamos de atitudes, não esperar que outras pessoas que fazem parte da educação mude a situação, está em nossas mãos os ingredientes da receita cabe a nós prepará-la, moldando caráter, sendo generoso e atencioso aos problemas vividos pelos alunos. O primeiro passo é ganhar a confiança do aluno e respeito (ALVES et. al., 2015).

É construir sonhos juntos, para alguns alunos, são lançados olhares de rejeição, devido a sua condição financeira e isso é notado. Alguns professores sofrem até por não conter essa rejeição dentro de si. Angustiam-se por não saber como agir, não chegam perto do aluno nem para conferir um olhar, a atenção necessária que o ser humano precisa. No processo de formação do professor, não lhe falaram que sua matéria prima de trabalho era seres humanos, que estão dentro de um processo de formação física e mental (SANTOS et. al., 2016).

O déficit de sentido das situações escolares é, aliás, algo em comum aos professores e aos alunos, que são, em conjunto, prisioneiros dos problemas e constrangimentos. Isto significa que a construção de uma outra profissionalidade para os professores não é prévia, mas, sim, concomitante com a construção de uma relação com os alunos. Estes, principalmente quando se trata de crianças e jovens de origem pobre, devem ser encarados pelos professores como aliados e não como “problemas”. A construção de uma imagem valorizada dos alunos constitui uma condição necessária para o desenvolvimento

de uma relação pedagógica positiva (FURLAN et. al., 2020).

Professores e alunos estão no mesmo barco pode-se dizer, é bem possível que inconscientemente está formando cidadãos que irão prejudicar muito a sociedade, onde os professores não estão fora do contexto, é bem provável. Os alunos vivem os mesmos problemas, pois é bem visível que quando o aluno não aprende a culpa recai sobre o professor. É necessário mudança, pensando nesse contexto que professores e alunos entram em conflitos de problemas e acusações (MENDONÇA; PIRES, 2020).

É preciso uma nova construção de relacionamento professor-aluno, principalmente tratando-se de crianças e jovens pobres, que, muitas vezes são tratadas como “problemas”. É bem verdade que ninguém quer ser tratado ou que tratem um filho seu dessa forma. É necessário que professores se tornem aliados, para que os alunos cheguem mais perto, sintam-se pessoas aceitas e possam seguir na caminhada escolar de cabeça erguida. Tive experiências dessa natureza e hoje vejo quanto valeu para aquele

adolescente e para a escola como um todo (MENDONÇA; PIRES, 2020).

É bem verdade que todos ganham nessa nova construção, a valorização é o caminho certo, quando se encontra no lugar do aluno, sabe-se o que isso e seus efeitos causam na pessoa (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Há uma grande perspectiva por um lado no aprender e por outra para que aprender. O futuro da escola, nesse modelo atual é incerto, o aluno quando criança vai à escola cheio de fantasias, quando chega a escola ver que a situação é bem diferente e surgem perguntas e respostas na sua mente como aprender o que? E para que? (ALVES et. al., 2015).

O campo de aprendizagem é vasto, as informações e aprendizagens anteriores ou adquiridas fora da escola são aproveitadas. A aprendizagem é um processo que a pessoa faz de si mesmo enquanto aprendiz é possível também ensinar, no processo de aprendizagem a informação é essencial. Sem contar com as experiências anteriores sem as mesmas não há conhecimento nem de si nem do outro. Ao ensinar precisa-se compreender que são

aprendizes também com nossas limitações, sejam dificuldades em todos os sentidos, o armazenamento das informações é essencial, e isso se dar ao longo da vida (ALVES et. al., 2015).

Pelo fato da pessoa está se construindo dia após dia, isso significa que somos eternos aprendizes e que, a exemplo disso é que no contexto familiar ensina-se, mas também se aprende muito com os filhos, ou até mesmo crianças que se convive dia a dia. Na sala de aula também se aprende com os alunos, embora não se dá conta disso (ALVES et. al., 2015).

Aprende-se na escola, é claro, mas aprende-se também, e sobretudo na família, no bairro, na empresa, no sindicato. A escola é, sem dúvida, uma das instituições educativas. Há outras, porém, tão ou mais importantes que, embora perseguindo finalidades educativas, não podem ser definidas como escolares. Refiro as instituições como os museus, as bibliotecas, as associações culturais, de importância decisiva sob uma perspectiva de educação permanente. Dado que a maioria dos contextos não são escolares, mas apresentam potencialidades educativas,

será talvez preferível que se fala em oportunidades de aprendizagem das quais o sujeito poderá (ou não) se apropriar. Do ponto de vista do educador, torna-se então possível desenvolver uma ação deliberada para reforçar o potencial educativo de um contexto (ou seja, sua educogenia) e multiplicar a oferta de oportunidades de aprendizagem (CAMPOS; PARO, 2019).

O professor não é apenas aquele que ensina, mas antes de tudo aquele que aprende e aprender lidar com tudo isso não é fácil, por isso torna-se aprendizagem para ambos, a escola não é o único cenário para esse acontecimento, ela se apresenta como um complemento a esse processo tão debatido e porque não dizer, desacreditado e junto a ele a figura do professor (CAMPOS; PARO, 2019).

Ao trabalhar em sua sala Gêneros Textuais, um de seus alunos exemplificou com uma receita que não era nada proveitosa para o consumo é claro, o aluno trouxe a experiência de casa, do meio familiar, onde aprendeu com o pai e inocentemente ensinava o passo a passo de como preparar a maconha. Ela parou para ouvir a receita,

contextualiza e daí introduziu a interdisciplinaridade ao saber de uma criança trazido da família era um gênero textual, e daí se a situação é constrangedora e porque não dizer lamentável, mas o que estamos tratando aqui é a questão do contexto familiar e as aprendizagens vindas por outros ângulos melhor dizendo (BARBOSA; MÜLER, 2015).

Aprende-se de várias maneiras, formas e ainda no contexto que estão inseridos, não dá para pensar em aprendizagem descontextualizada de ações anteriores a escola ou ainda a desvalorização dela (BARBOSA; MÜLER, 2015).

A maior parte das aprendizagens são de maneiras não-formais e surgem de forma inconsciente de aprender, por exemplo os afazeres diários como cozinhar, cuidar de animais domésticos e tantos outros não se aprende na escola, é uma ação deliberada na pessoa. Parece que a mente deles era de bronze, diferente de outras aprendizagens, como por exemplo andar de bicicleta ou dirigir um carro. Essas aprendizagens não estavam condicionadas à escola e sim a sua curiosidade e vontade

de aprender e ver suas necessidades supridas e não aquelas que o sistema ou o professor lhe impõe, que parece muito boa e solucionadora da vida de qualquer um pode-se pensar assim. Aprender aquilo que nos interessa é bem mais fácil e prazeroso, na maioria das vezes isso não acontece na escola, as atividades da escola tem se tornado penosa e os professores tem reclamado devido ao desinteresse do aluno, é uma queixa crônica (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

De tanto os professores reclamarem, o aluno tem sido ou se colocado no lugar do problema e não é fácil ser visto como o problema, sentisse o problema É comum encontrar-se com alunos “desestimulados ou desvalorizados” em relação ao bom relacionamento professor–aluno, pensando bem colocar no lugar do aluno, e quando é visto como um “problema”, como reage em relação as outras pessoas? Na maioria das vezes deixa-se tudo para lá, já que ninguém não valoriza as qualidades, só veem os defeitos. Os pré-requisitos básicos como paciência, vontade de aprender e principalmente a elevação da autoestima (GADELHA et. al., 2018).

É fácil dizer que o aluno é desatento e não quer aprender, que assumir as falhas enquanto professores e orientadores do conhecimento, e o que é pior, o velho ditado “esse aluno não sabe de nada”, mas nem sempre se busca a forma ou maneira correta de alcançar esse aluno e valorizar os conhecimentos prévios dele (GIUGLIANI et al., 2020).

É a escola, enquanto sistema social complexo, que, na sua globalidade, precisará evoluir de um sistema de repetição de informações para um sistema de produção de saberes, em que professores e alunos possam assumir-se como criadores. É esta a condição para que a escola possa vir a ser capaz de responder de forma positiva aos três grandes desafios que lhe são colocados: O primeiro é responder à crescente diversidade e heterogeneidade dos públicos escolares, como resultado da democratização de acesso à escola e do prolongamento dos percursos escolares. O segundo é responder à necessidade de contribuir para, em um contexto de crescente incerteza e imprevisibilidade, formar analistas simbólicos, ou seja, pessoas capazes de equacionar problemas e conceber

hipóteses criativas de soluções, e não “aplicadores” de soluções aprendidas previamente. O terceiro é facilitar aquilo que Paulo Freire chamou de “emersão de consciências”, tendo em vista a sua inserção crítica na realidade social, a partir de modalidades de trabalho baseadas na centralidade de quem aprende (GIUGLIANI et al., 2020).

A escola tem caminhado a passos de tartaruga pode-se dizer, as repetições de informações são um modelo, o aluno é visto, ou melhor nem é visto como produtor do saber, o professor é quem tem o saber e quer repassa-lo a todo custo mesmo que este seja na maioria das vezes desestimulantes e desnecessário para a vida desse aluno. Surgem então as reclamações por parte de professores, onde o aluno “não quer nada com a vida”, quando nos colocamos no lugar do aluno, que em uma aula o professor só passa informações, e quando essas não nos interessam, como age diante da situação (SANTOS et. al., 2016).

A produção do saber é muito importante e ao mesmo tempo estimulante, quando o aluno descobre este

universo, a auto estima melhora e ele então assume sua identidade de estudante e produtor de saberes, passa a ver no professor um companheiro, facilitador. Alguém que pode somar com ele, um conhecedor para ajudá-lo. Diferente do repassador apenas de informações e quando desnecessárias, já que o sistema educacional caminha na contramão, fica difícil a escola acolher e ajuda-los a produzir o saber (SANTOS et. al., 2016).

A escola tem sido o sistema social complexo devido a sua forma de agir, espera-se no outro aquilo que ela pode fazer, acompanhar o processo de heterogeneidade, respondendo a essa diversidade de forma que atenda todos e aproveite a diversidade de aprendizagem não só na leitura e escrita, mas em todas as áreas do saber. Visando sempre a aprendizagem e também igualdade social, para um futuro promissor de todos envolvidos no processo de aprendizagem (SANTOS et. al., 2016).

É difícil imaginar mais infelizmente ainda existe educadores que pensam em salas de aulas perfeitas pode-se dizer assim, onde na maioria das vezes, os alunos são

selecionados por classe social e os mais evoluídos na aprendizagem. Pensando assim onde fica a socialização e o saber compartilhado, onde um poderá ajudar o outro e assim a produção do saber não ficará comprometida, por uma parte que parece ser frágil demais podemos dizer assim e que não quer nada com a vida como diz alguns professores infelizmente. Ao acompanhar o aluno o professor descobre muitas maneiras de lidar com o saber popular ou os conhecimentos trazidos de casa, que é um contexto muito diferente da escola, todos os envolvidos na educação e aprendizagem precisam saber disso, aprende-se na escola, mas também se ensina, com atitudes de companheirismo, compreensão, ajuda e valorização do outro como pessoa (CRUZ; STEFANINI, 2017).

O processo de aprendizagem se dá gradativamente, se faz necessária organizações de políticas educacionais locais para acompanhar e acolher as necessidades de cada comunidade, focando no conhecimento tanto de professores como da sociedade em geral. Os problemas relacionados ao analfabetismo não são de uma localidade em particular, mas sim de um todo. A sociedade contribui

para o desenvolvimento das escolas também, quando interagi com a mesma através de parcerias, com as famílias principalmente (CRUZ; STEFANINI, 2017).

Quando a criança passa por dificuldades de relacionamento em casa, na escola fica difícil para todos e principalmente para o desenvolvimento da aprendizagem, se na sua comunidade não tem apoio psicológico ou ainda apoio moral tanto da sociedade e da família, não se sente amada em seu contexto social ou familiar torna-se complexo esse elo do desenvolvimento da aprendizagem (CAMPOS; PARO, 2019).

A questão da formação do aluno, costuma-se dizer que “prepara-se o mesmo para a vida”, mas será que prepara mesmo? Constroem-se um mundo de sonhos e incertezas, quando na verdade, forma-se ou tenta torná-lo cidadão crítico e não aceita essa criticidade e, lá no Ensino Superior reprovamos suas atitudes de revoltas e protestos, não são admitidas por grande parte da sociedade (CAMPOS; PARO, 2019).

10.3 Escola: organização associada ao tempo e espaço histórico

A escola, nos atuais dias, tem sido alvo de polêmicas e estudos, sempre tenta-se descobrir soluções para os problemas dos alunos e professores, e vê-se a escola como instituição solucionadora de diversos problemas, sejam familiares, sociais e de aprendizagem. O analfabetismo tem sido o bicho de sete cabeças para a atualidade escolar, pesquisas e muitos investimentos por parte das políticas educacionais em vigor, são lançados todos os dias, em nosso país (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Não é possível abordar-se o ato de educar ou o ato de aprender no âmbito das escolas como atos dissociados dos compromissos políticos, culturais e formativos que justificam a sua existência como um espaço singular de socialização que se foi afirmando progressivamente, a partir sobretudo do século XVIII, como um contexto educativo tão incontornável quanto inevitável no mundo e nas sociedades atuais (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Fazer educação ou escola caminhar não é fácil, caminhar só com professores e alunos é muito difícil. Todo um conjunto é quem produz esses valores, professores são apenas os, mais próximos dos alunos, são parte de um processo. As políticas educacionais tanto municipais como nacionais são sustentáculos imprescindíveis, sem falar nos valores culturais adquiridos por parte de uma geração, seus valores, saberes e experiências ao longo da vida (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Sendo a escola uma associação, transpõe seus valores aos membros de uma sociedade que usufrui de seus benefícios, não se pode fechar os olhos para esse sistema, onde querem apenas resolução dos problemas pertinentes a criança, analfabetismo e aprendizagem. Os olhares estão voltados para tudo menos para o ser humano, com qualidades e também defeitos, inseguranças e insatisfações ao longo de uma caminhada árdua, que na maioria das vezes nos apresenta a vida (LEWKOWICZ et al., 2019).

A escola deixou de ser uma instituição educativa, passando a ser um investimento a curto prazo para uma sociedade consumista e descentralizada de valores sociais e culturais. Grande desafio espera-se, sem falar no analfabetismo que é um grande problema a ser enfrentado. Pode-se ainda falar no analfabetismo funcional, que atinge grande parte da sociedade atual (LEWKOWICZ et al., 2019).

Onde de forma constante e sistemática se colocam perguntas, com a particularidade de as respostas já serem previamente conhecidas. Por outro lado, e ao contrário do que acontece em situações originadas por uma por uma curiosidade legítima, quem coloca as perguntas são (regra geral) aqueles (os professores) que já sabem as respostas. Estas preexistem às questões e correspondem a um conhecimento produzido e importado do exterior da instituição escolar. Por outro lado, ainda, aqueles que antes de entrar na escola (as crianças) eram peritos em questionar os alunos (frequentemente de forma embaraçante) passam a ser desencorajados de o fazer e convidados a aprender boas respostas, para as questões

que, também com frequência, não lhes interessam (LEWKOWICZ et al., 2019).

A organização escolar precisa repensar um modelo de escola onde os alunos se se apropriem da cultura de forma significativa, vindo a construírem um patrimônio cultural para toda a sociedade de forma educativa (LEWKOWICZ et al., 2019).

O modelo de educação existente parece um pouco desgastado e cansativo, os projetos escolares por vez são repetitivos, parecendo até com os cadernos amarelados utilizados por alguns professores no passado. A educação precisa interpretar a finalidade de cada projeto a fundo, pensando assim não existe espaço na educação para improvisos, é preciso compreender o que está em jogo. A longo dos tempos a educação tem se distanciado dos alunos de forma sorrateira (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

As políticas educacionais lançadas pelo governo federal, parecem muito boas, e são, mas não deixam de ser uma arrumação um pouco diferente a cada programa. Os programas lançados a uma década, hoje são relançados com uma pequena maquiagem e um nome diferente, é o

que chamamos de cara nova. De novo mesmo só tem a cara, porque o conteúdo é o mesmo, então como mudar essa realidade educacional tão debatida e criticada as vezes por professores e trabalhadores da educação. A função de cada um, dentro desse contexto não é de expectador creio eu, mas de modificadores desse sistema ultrapassados (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

As escolas necessitam, para que os seus alunos aprendam, proporcionar ambientes e experiências que potenciem vivências em função das quais as aprendizagens sejam possíveis e os contextos educativos não formais proporcionem, certamente, situações de aprendizagem que resultam das experiências vividas por todos aqueles que percorrem tais contextos. As aprendizagens não são, contudo, a finalidade primeira dos contextos educativos não formais, embora estas possam acontecer como um fenômeno decorrente do envolvimento dos sujeitos naquelas experiências (SANTOS; SGARBI, 2019).

Aprender com prazer através de situações do cotidiano é a forma mais interessante, é unir o útil ao

agradável pode-se dizer, as escolas precisam pensar nessa situação. As experiências vividas por cada um são bem interessante, é uma forma de valorizar a pessoa, fazer com que se sinta útil e ainda parte importante de um contexto social (SANTOS; SGARBI, 2019).

Aprendizagem acontece em conjunto um ajudando o outro, valorizando, sentindo-se capaz, ao proporcionar esses encontros dos saberes a escola está dando um salto para um futuro de pessoas valorizadas e respeitadas de seu convívio escolar e social ao mesmo tempo, quando a escola compreende o aluno como parte do contexto educativo, respeitando suas experiências, saberes e aproveitando as aprendizagens assumidas por esse aluno fica bem mais fácil o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. A participação nesse processo é de todos desde a família até a escola. Até mesmo as famílias mais simples ou analfabetas têm experiências de vida para ser ensinada e aprendida, a construção da cultura é feita assim, passando de geração a geração, partindo da valorização do aluno e toda sua família e comunidade (SANTOS; SGARBI, 2019).

O ato de aprender é simples basta trazer à tona vestígios de uma educação e experiências anteriores, ao longo de minha jornada de trabalho, acúmulo algumas experiências nesse sentido, que o aluno tem sua própria coleção, se é o que posso chamar de experiências de vida acumulada ao longo da vida. Quando aproveita-se as experiências elas tornam-se legítimas dentro da escola, o formato da escola hoje está um pouco distante, devido a fragilidade do sistema educacional tratar o aluno como que não sabe nada e precisa aprender tudo o que a escola tem a oferecer, que as vezes ou na maioria das vezes, é o que o aluno já está cansado de ouvir e ver e não é mais interessante, porque não é o seu desejo suas aptidões estão voltadas para outro contexto mais próximo a realidade cotidiana, o modelo educacional estabelecido pelas escolas tem sido um bloqueio para a aprendizagem, de forma sistemática. Quando na vida nem tudo é uma sequência, ao nascer a criança já passar a ter conhecimento do mundo ao seu redor, seus primeiros movimentos já são adquiridos conhecimentos mesmo que esses não sejam observados e valorizados (CRUZ; STEFANINI, 2017).

No simples gesto de procurar o seio da mãe, ela já transmite conhecimento e aprende com os gestos da mãe, o cheiro, o olhar e tantos outros. As particularidades são visíveis em cada criança nas distintas fases escolar. Pode-se afirmar que as escolas reproduzem atos desfavoráveis a aprendizagem, parece buscar um caminho mais difícil ou lento (CRUZ; STEFANINI, 2017).

É de se esperar que a reflexão sobre a configuração do estatuto do papel dos professores não seja uma tarefa isenta de dificuldades. Se, para aqueles que partilham dos pressupostos e das crenças que o paradigma pedagógico da instrução divulgou, esta era uma problemática que não justifica grandes discussões, dado que a centralidade pedagógica do professor no espaço da sala de aula e nas escolas é inquestionável, há de se ter em conta a abordagem do paradigma pedagógico da aprendizagem para a qual os professores, mais do que agir, terão de, no mínimo, não obstaculizar a aprendizagem dos seus alunos. Trata-se, como se depreende, de duas perspectivas que apresentam, só por si dificuldades acrescidas aos professores (ARAÚJO; WESCHENFELDER, 2019).

Boa parte dos alunos são ignorados pela própria família, e ao chegar na escola esperasse uma nova vida através do carinho e compreensão de todos seja constante e não ignorados pelos seus professores tanto na cultura como em diversas particularidades, que quando isso acontece a aprendizagem é afetada também, o legado do professor reflete nas ações do aluno, basta da mais atenção e prestar a devida atenção nas atitudes desse aluno a centralização na aprendizagem faz toda a diferença na vida do aluno e do professor. Saber que alguém se importa, é muito bom, mesmo quando é amado em casa (BEZERRA, 2016).

Na vida de todos os professores quem nunca vivenciou uma situação parecida, mas é preciso cautela ao pensar nessas atitudes, na questão aprendizagem, ou escola, vale a pena não só na ação dos professores e sim da parte pedagógica. Buscando sempre conhecer o meio em que este aluno vive, recorrendo as situações familiares dos alunos, como forma de aconchego e até que ele mesmo, perceba que alguém se importa com ele, se assemelha aos seus ideais. É uma forma de identifica-se

com seus problemas e daí vem uma aproximação e ao mesmo tempo um elo maior entre ambos, e no processo ensino aprendizagem isso é imprescindível (BEZERRA, 2016).

Esse é o ponto de partida, na busca pelo conhecimento prévio dos alunos é possível descobertas de valores incomparáveis. A função do professor é tornar a aprendizagem viável ao aluno e isso nem sempre acontece, na busca do cumprimento do planejamento escolar muitos se perdem e até mesmo o aluno fica perdido em meio a tudo isso (BEZERRA, 2016).

Ao iniciar um projeto escolar, seja de qualquer natureza é importante levá-lo ao conhecimento do aluno antes de mais nada. Para que as finalidades se concretizem, é importante, então, que o problema se afirme pela abertura, na qual possa permitir a possibilidade de utilizar diversos tipos de abordagens, não admita, apenas, uma solução prévia e mais ou menos prescrita e construa um desafio que os alunos possam enfrentar com sucesso. É a partir deste conjunto de condições que a aprendizagem por meio de resolução de

problemas se pode concretizar, permitindo aos alunos aprender a desenvolver estratégias, a trabalhar em conjunto, a monitorizar o que realizam e a autonomizar-se progressivamente no âmbito das tarefas de aprendizagem (GADELHA et. al., 2018).

O apoio ao desenvolvimento de projetos é essencial para que a aprendizagem aconteça de fato. É bem comum se pensar e agir de forma errada, pensando que o aluno vai se interessar por qualquer coisa, aprender só tem sentido se for com prazer e por prazer ao sugerir situações problemas para o aluno como é o caso de projetos, precisa-se compreender que, a curiosidade precisa ser despertada, os anseios também respondidos através propostas a serem avaliadas pelos alunos de forma sutil, o aluno uma vez sabendo o porquê de toda situação, poderá se interessar e buscar novas fontes de conhecimentos, para responder questões difíceis em seu cotidiano (GADELHA et. al., 2018).

A apresentação das situações problemas através de textos criativos devem ser levada em consideração para despertar o interesse do aluno, fazendo com que a

aprendizagem seja real, atingindo até mesmo seu contexto social. Propostas diferenciada, apresentadas de maneira atrativa farão efeitos tanto na aprendizagem escolar como na vida cotidiana. O apoio do professor nesta hora é essencial, pois é nessa figura que o aluno busca apoio, compreensão, sabendo que terá esse apoio por parte de quem está no caminho da aprendizagem. Certamente cumprirá um papel importantíssimo na sociedade como todo (GADELHA et. al., 2018).

O grupo que é capaz de elaborar projeto pedagógico poderá avançar para a exigência coletiva de elaboração teórico-prática de todas as atividades, a começar pelas aulas. Cada aula não pode apenas repassar/requentar conhecimento alheio, mas recriá-lo com alguma propriedade, para estabelecer-se o desafio de saber pensar e de aprender a aprender. A aula deixa de ser encenação de repasse copiado, destinada a ser sempre apenas recopiada, para ocupar a função moderna de insumo instrumental com vistas à capacidade construtiva do aluno. Isto supõe um professor capaz de produzir, de

elaborar com autonomia, e um aluno que busca o mesmo objetivo (GADELHA et. al., 2018).

Um projeto pedagógico bem elaborado em equipe é o que faz a diferença em um sistema educacional, para que as aulas sejam produtivas e agradáveis, isso feito buscando apoio coletivamente melhor ainda, pois deve-se repensar os valores de aprendizagem, pois diante de situações adversas na vida do aluno, cabe a equipe escolar buscar estratégias que elevem a autoestima dos alunos. Trazendo de uma realidade muito diferente, vivida por eles diariamente. Muitos professores por falta de conhecimento de mundo e contexto social do aluno, deixa de fazerem sua parte enquanto educador para buscarem apenas reclamação de melhoras de serviço, ou dos governantes, esquecendo assim seu papel de professor (ARAÚJO; WESCHENFELDER, 2019).

Enquanto busca-se soluções para a aprendizagem em outras pessoas que sequer sabem ou sentem na pele essa necessidade de mudança na educação, visando sempre a aprendizagem e seus processos, então estaremos mergulhados no poço da incompetência em todas as

esferas. Um cidadão que aprender a de fato nunca vai esquecer seus princípios e valores, agregados a isso estão o bem-estar da pessoa (ARAÚJO; WESCHENFELDER, 2019).

Aprender é um desafio tanto para o professor quanto para o aluno, já que temos conhecimentos diferenciados em todos os sentidos. Educar é investir em alguém, para que se tenha um país melhor, com pessoas capazes de fazer uma nação de verdade, com realização tanto pessoal quanto profissional. Pensar sempre no que o aluno tem que aprender é um ponto relevante para a educação e aprendizagem. Transportar para a sala de aula o novo, o diferente e ao mesmo tempo o que o aluno já convive em seu contexto social, o saber diário de sua vivência com o meio no qual estar inserido (ARAÚJO; WESCHENFELDER, 2019).

A sala de aula precisa torna-se um espaço de aprendizagem, para o aluno, não deixando de lado os valores e atitudes, capazes de transformar pessoas em cidadãos melhores. O espaço escolar pode ser um espaço democrático, dar-se ao luxo dos alunos, serem bem-

sucedidos na vida escolar e cotidiana é muito importante (ALVES et. al., 2015).

A educação, enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida de cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. Portanto, educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica (ALVES et. al., 2015).

Ser aceito em uma sociedade, após uma vida de marginalidade não é fácil, a escola tem um social de integração nesse sentido de apoio e respeito a essas diferenças. Ao excluir os alunos estamos entregando para a marginalidade. A escola que queremos precisa estar alicerçada nos parâmetros da autoajuda aos menos favorecidos, levando-os a aprender na prática, aproveitando suas experiências sociais em todos os

sentidos, que torne o aprender significativo, e então os resultados virão (FURLAN et. al., 2020).

Pensando bem a educação fará sentido quando se conecta a escola, de maneira que o professor seja tocado a entender de fato que o que o aluno precisa e necessita aprender. O que vai ser útil em sua vida de trabalho e principalmente no seu cotidiano, a praticidade das coisas será de suma importância nesse sentido (FURLAN et. al., 2020).

Buscar a valorização dos saberes para o espaço propício ao processo de aprendizagem e compreender as diferentes maneiras de ensinar, o tipo de escola, que vem sendo discutida e avaliada a cada ano, esse novo modelo de educação que vem favorecendo uma parte menor da sociedade, onde no decorrer de sua vida escolar, muitas vezes são atropelados pelo sistema educacional vigente do momento (FURLAN et. al., 2020).

O tipo de escola que se quer estar bem longe de acontecer de fato, o ensino da atual escola está voltado não para a criança e para o seu crescimento intelectual e social, quando se passa a visar “os lucros” sufoca-se tudo que

seria de proveitoso na questão aprendizagem do aluno. A política partidária, então tem sido um problema, na questão da aprendizagem dentro das escolas (FURLAN et. al., 2020).

Os movimentos são confundidos, onde se pensa em punir o professor que foi contrário ao gestor municipal nas eleições, trocando sempre de sala de aula, que na maioria das vezes o mesmo já estar adaptado. Buscando essa punição, quem sofre são os alunos, que a aprendizagem fica comprometida, sem falar no lado emocional de ambas as partes (DÉJARDIN, 2018).

Pensando-se na forma de trabalho que se pratica nas escolas é bom agir de forma que os alunos venham a ser favorecidos, se for para formar cidadãos melhores e conscientes de seus deveres e direitos, buscando sempre o aperfeiçoamento em todas as áreas de suas vidas, precisa-se entender o que é educação de qualidade. Prega-se isso a toda hora e ainda nem se sabe distingui o que educação, muito menos de qualidade. As ações demonstradas a todo momento são totalmente contraria ao que pregamos. Não dá para entender educação de qualidade com exclusão,

separação de classes sociais em uma escola, por turma, A, B, C, D. Aparentemente com organização, seria ótimo se a organização tivesse por traz disso. Mais o que se vê são os alunos sendo selecionados por classe social ou outra coisa parecida que podemos chamar de discriminação social (SANTOS; SGARBI, 2019).

Ao invés de conscientizar que a educação só pode ter qualidade quando surti efeito na vida das pessoas até mesmo das menos favorecidas. A marginalidade não seria extinta com certeza, mas os números certamente cairiam bastante, nossas ações tanto em sala de aula quanto nas escolas têm enfatizados para a busca das desigualdades, isso é inaceitável, quando se “educação direito de todos”, não se pensa em aprendizagem direito de todos, pelo contrário no contexto que vivemos, educação tem sido, uma disputa, e salve-se quem puder, que fique o melhor é uma disputa desde os primeiros anos de escola e segue durante toda vida escolar. E se não se basta algumas escolas selecionam as turmas por nível de aprendizagem, como que os outros não tivessem condições de aprender também, há professores despreparados, tanto para

transmitir conhecimentos, quanto para compreender o estado emocional dos alunos, o contexto social que esse aluno está inserido, os riscos, a violência, as drogas e até mesmo a falta de carinho e apoio dos pais, que estão mais próximos e porque não dizer os familiares (SANTOS; SGARBI, 2019).

Aprendizagem requer entrelaçamento com o social, por que o aluno é um ser social e não dar para separar escola e aprendizagem, quando esse aluno convive mais na sociedade que na escola, com isso o que ele precisa aprender, é natural que esteja de acordo com seu convívio. A aprendizagem tem que ter sentido na vida das pessoas, o que se precisa aprender, qual a utilidade na vida? Essa resposta é muito simples, só se aprende aquilo que é interessante, que chama atenção, que tem sentido para a vida e utilidade pode-se dizer (BARBOSA; MÜLER, 2015).

Professores ao longo dos tempos, se deparam com situações adversas nas salas de aula, sempre a mesma conversa, o aluno não quer nada com a vida ou o que é pior o aluno não sabe de nada. Pensando-se bem nos

professores estão eles preparados para ensinar esses alunos? Os tempos mudaram, o que realmente esse aluno está querendo, o conteúdo tem utilidades para ele, a postura em sala de aula tem sido de professores ou de mero detectores e acusadores. Quando na verdade deveria ser de companheirismo e de facilitador do saber, das experiências acumuladas no decorrer da vida, chegando-se por esse ângulo, fica fácil o casamento de ideias, o sentido de aprender e para que aprender (BARBOSA; MÜLER, 2015).

O desenvolvimento do aluno depende de toda uma situação, os desafios são amplos, mas o que não se pode é fechar os olhos para uma diversidade de situações e contextos bem diferenciados que se tem, cada aluno tem uma história diferente do outro suas habilidades e dificuldades também o fazem diferente dos outros e, por isso ensinar não se resume em apenas transmitir saberes. Aprendizagem é também uma troca de experiências com o outro e ambas se complementam na vida das pessoas (BARBOSA; MÜLER, 2015).

É assim a aprendizagem, o que se aprende tem que fazer sentido a minha vida, no meu convívio social, fazendo-se uma comparação com o dia a dia é como se fosse ir às compras com pouco dinheiro, só compraria o que realmente estivesse precisando. O útil em na vida é o que se está precisando no momento, e porque não olhar por este lado, e buscar mudanças para melhoria tanto no trabalho, quanto na aprendizagem que tantos busca-se para os alunos (BEZERRA, 2016).

Na educação novos caminhos são trilhados todos os dias, mas nem tudo são flores, entender educação é difícil, imagina a aprendizagem. Está na área de educação é muito bom, mas também desafiador, quando nos dias atuais ainda se encontra pessoas atuantes na educação com ideias tão adversas de educação e aprendizagem, por não conhecerem o que é educação de fato como em um sistema dominante, o sistema educacional em vigor é desafiante para todos (BEZERRA, 2016).

As pessoas marginalizadas são os grupos ou classes dominadas. Marginalizados socialmente porque não possuem força material e marginalizados

culturalmente, porque não possuem força simbólica. E, a educação, longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma (BEZERRA, 2016).

Infelizmente, ainda se tem essa triste realidade no Brasil, o sistema educacional é selecionador e até nas escolas públicas que deveriam ser diferentes agem de maneira semelhante, não só a escola como a sociedade. É impressionante como os pais se comportam no primeiro dia de aula, procurando ver quem são os alunos que estão na sala de seus filhos, para ver a condição social, a ponto de exigir não só da escola, mas da Secretaria de Educação que mude seus filhos daquela sala. E a explicação é a pior de todas, alegar que tal aluno é violento ou o que é pior, simplesmente não querer estar junto daquele aluno (BEZERRA, 2016).

É daí que surge a marginalidade, a partir da rejeição, vem o sentimento de ser o pior da turma, da escola, da sociedade. Com esse pensamento e autoestima para baixo logo desistem da caminhada escolar, outros até continuam de maneira desestimuladas e não conseguem

progredir, nem crescer no processo de aprendizagem e se prevalecem disso para entrar no mundo do crime (DÉJARDIN, 2018).

Então, coloca-se a culpa nas famílias, e esquece-se da parte do educador que é quem o desestimula a ponto de se tornarem pessoas difíceis de conviver. Os educadores tem essas falhas não porque querem, mas por falta de conhecimento, quando na verdade todo professor em sua formação deveria estudar e praticar de forma coerente (DÉJARDIN, 2018).

Enquanto não se assumir o verdadeiro papel de educador, juntamente com a aceitação das famílias e sociedade no geral, terá sempre resultados negativos de desigualdades na sala de aula e na sociedade. Busca-se melhorias nos outros, onde elas devem surgir em si, primeiro deve fazer cada um à sua parte para uma sociedade diferente, com vontade de mudar para melhor (CARVALHO et. al., 2019).

A vida escolar bem-sucedida depende dos educadores, valorizar o aluno não é apenas elogiá-los, e

sim praticar ações dignas de transformar a sociedade para melhor através de atitudes (CARVALHO et. al., 2019).

REFERÊNCIAS

ALVES, D. C.; CASELLA, E. B.; FERRARO, A. A. Spelling performance of students with developmental dyslexia and with developmental dyslexia associated to attention deficit disorder and hyperactivity. **Codas**, v. 28, n. 2, p. 123–131, 2016.

ANACLETO, J. M. B. Relação ensino-aprendizagem e a impossibilidade da educação. **Estilos da Clínica**, v. 21, n. 1, p. 133, 2016.

ANDRADE, A. A. C. DE et al. Promoção De Estratégias De Aprendizagem Em Estudantes De Psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. 1–9, 2020.

BARBOSA, E. F.; MÜLER, M. C. Formação docente: saberes e práticas necessárias para a escola contemporânea. **Revista Brasileira de Política e**

Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE, v. 31, n. 3, p. 587, 2016.

BIANCHINI, L. G. B.; VASCONCELOS, M. S. Sentir, Significar e Construir Conhecimento com Base nos Erros. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, p. 1035–1057, 2017.

BONFÁ-ARAÚJO, B.; FARIAS, E. S. DE. Avaliação psicológica: a monitoria como estratégia de ensino-aprendizagem TT. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. 10–12, 2020.

BOUFLEUER, J. P. A especificidade da educação escolar nas sociedades republicanas e democráticas. **Espacios en blanco. Serie indagaciones** , v. 29, n. 2, p. 1–10, 2019.

CAMPOS, H. M. et al. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde em Debate**, v. 41, n. 113, p. 658–669, 2017.

CANTARELLI, J. M.; ELLY, M.; GENRO, H. Professores e diversidade na sala de aula : desconstruindo. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 280-297, Mai./Ago. 2016.

CARVALHO, I. C. DE M.; MEDAETS, C.; MEZIÉ, N. “Uma aula assim muito forte”: aprendizagem , escola e ritual em tempos de ocupação. **Psicologia Política**. vol. 19, nº 45, pp. 244-260, mai-ago. 2019.

CAVALLIERI, G. V. et al. Desempenho de alunos com e sem dificuldades de aprendizagem do 4º ano do ensino fundamental em tarefas da consciência fonológica. **Distúrb. comun**, v. 28, n. 4, p. 686–693, 2016.

CHAVES, M. P.; ROSSATO, M. A dimensão subjetiva da aprendizagem em estudantes com deficiência intelectual no contexto inclusivo. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 75, 2019.

CHAVES, N. C. R. et al. Ensino e aprendizagem: educação como encontro inter-humano em Rogers e Morin. **Acta Scientiarum. Education**, v. 43, p. e48181, 2020.

CORRÊA, C. R. G. L. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: Perspectivas teóricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 379–386, 2017.

CORREA, C. R. G. L. Os porquês da criança na psicologia genética de Piaget e na psicanálise e a dificuldade de aprendizagem. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 18, n. 2, p. 289–303, 2015.

CORSO, L. V.; MEGGIATO, A. O. Para Acompanhamento De Dificuldades De Aprendizagem? **Rev. Psicopedagogia**, v. 36, n. 109, p. 57–72, 2019.

CORTEZ, M. T.; DE SOUZA, L. K.; PINHEIRO, Â. M. V. É mesmo (só) Transtorno de Déficit de

Atenção/Hiperatividade (TDAH)? Avaliando TDAH e encontrando dislexia. **Psico**, v. 50, n. 3, p. 299-324, 2019.

CRISTINA, K.; MORAES, D. S.; DANIELA, S. Expressões da violência paradoxais presentes nas brasileiras na escola: relações publicações científicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 1 p. 161–179, Rio de Janeiro, 2016.

CRUZ, S. A. B.; STEFANINI, M. C. B. **Dificuldades de aprendizagem de alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental: o olhar do professor**. p. 67–92, 2019.

DE ALMEIDA, R. P. et al. Prevenção e remediação das dificuldades de aprendizagem: Adaptação do modelo de resposta à intervenção em uma amostra Brasileira. **Revista Brasileira de Educacao**, v. 21, n. 66, p. 611–630, 2016. et al. Quando o aprender na escola é (im) possibilidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 16, n. 1, p. 361–373, 2017.

DE OLIVEIRA FERNANDES, A.; DOS SANTOS GOMES, S. Between teachers' discourse and practice: Interfaces of the School Learning Evaluation Program (Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar-Paae). **Ensaio**, v. 28, n. 107, p. 386–406, 2020.

DÉJARDIN, I. P. Possibilidades socioambientais e interdisciplinares da cidadania a partir do que dizem alunos e professores de uma escola pública de ensino fundamental em Salvador-Bahia. **Educação (UFSM)**, v. 43, n. 1, p. 27, 2018.

DINIZ, J. M.; CORREA, J.; MOUSINHO, R. Perfil cognitivo de crianças com dislexia e de crianças com TDAH. **Rev. Psicopedagogia**, v. 37, n. 112, p. 18–28, 2020.

ESPAÇO E GEOGRAFIA ESCOLAR. v. 2, p. 2016, 2016. CAMPOS, F. L. R.; PARO, C. A. Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola.

Revista de Educação Popular, v. 18, n. 3, p. 255–267, 2020.

FARIA RIBEIRO, G.; VILELA SANTEIRO, T.; CENTURION, N. B. Aproximação entre família e escola: pensando experiência grupal em ambiente escolar público. **Vínculo revista do Nesme**, v. 17, n. 1, p. 75–96, 2020.

FERNANDA, N. et al. Práticas De Educação Ambiental E Sustentabilidade Aplicadas a Formação Da Cidadania. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 10, n. 2, p. 30–40, 2016.

FERNANDES, A., S.; COELHO, S. P. F. Revista CUIDARTE. **Distanásia Em Unidade De Cuidados Intensivos E a Visão De Enfermagem: Revisão Integrativa**, v. 5, n. 2, p. 564–568, 2014.

FONSECA, D. C.; MALDONADO, P. E. Distúrbios De Aprendizagem E Fracasso Escolar Na Visão De Professores E Licenciandos. **Revista Psicologia da Educação**, v. 1, n. 50, p. 94–103, 2020.

FONTES, M. A.; DUARTE, A. M. Way of learning and critical analysis in Brazilian vocational education. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. 1, p. 173–186, 2020.

FURLAN, E. G. M. et al. Inclusão na educação superior: formação e experiência docente TT - Inclusion in higher education: training and teaching experience. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 2, p. 416–438, 2020.

GADELHA, T. A. et al. Habilidades metalinguísticas e funções executivas em crianças com dificuldades de aprendizagem: uma metanálise. **Revista Psicopedagogia**, v. 35, n. 108, p. 318–328, 2018.

GATTI, B. A. Aspectos metodológicos da pesquisa em Educação Matemática: rumos e perspectivas. **Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de**

Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, v. 22, n. 3, p. 65–83, 2021.

GIUGLIANI, C. et al. A escola como espaço de participação social e promoção da cidadania: a experiência de construção da participação em um ambiente escolar. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe1, p. 64–78, 2020.

GUERRA, B. T.; VERDU, A. C. M. A. Ensino de Comportamento Verbal Elementar por Exemplos Múltiplos em Crianças com Autismo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 1–17, 2020.

INÁCIO, F. F.; DE OLIVEIRA, K. L.; MARIANO, M. L. S. Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: Percepção de professores do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 447–455, 2017.

JESUS, J. S. DE; SOUZA, V. L. T. DE. Development of attention: acting in special classes. **Revista Psicologia da Educação**, v. 1, n. 47, p. 21–29, 2018.

LEWKOWICZ, A. B. et al. Violência social e ética nas instituições de ensino. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 26, n. 3, p. 443-454, dezembro 2019.

LINKED, T. T. Aprendizagem escolar e formação de professores vinculados à reconstrução curricular na modalidade de situação de estudo. **Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, n. 41, p. 197–215, 2017.

LISBOA, R. DE C. DOS S. N.; GOMES, A. T.; RENDEIRO, M. M. P. Mapas de aprendizagem: tutoriais inteligentes como possibilidade de aprendizagem autodirigida. **J. health inform**, p. 181–186, 2016.

LOCATELLI, E. L. Projetos de Aprendizagem na Perspectiva do Hibridismo e da Multimodalidade no

Contexto da Pedagogia PARFOR: Engajar para Aprender. **Educação Por Escrito**, v. 10, n. 1, p. 31569, 2019.

LOPES, T. S. S.; ROSSATO, M. A dimensão subjetiva da queixa de dificuldades de aprendizagem escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 2, p. 385–394, 2018.

LOURENÇO, A. A.; OLÍMPIA, M.; DE PAIVA, A. Autorregulação da aprendizagem: uma perspectiva holística Self-Regulated Learning: a holistic perspective. **ARTIGO Ciências & Cognição**, v. 21, n. 1, p. 33–051, 2016.

MAIA, M. V.; STRUCHINER, M. Aprendizagem Significativa e o Portfólio Reflexivo Eletrônico na Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4, p. 720–730, 2016.

MARQUES, E. D. S. A.; CARVALHO, M. V. C. DE. Prática educativa bem-sucedida na escola: reflexões com

base em L. S. Vigotski e Baruch de Espinosa. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, p. 1–17, 2017.

MARTINS, J. C. A. Aprendizagem e desenvolvimento em contexto de prática simulada TT. **Revista de Enfermagem Referência**, v. IV, n. 12, p. 155–162, 2017.

MARTINS, M. J.; SIMÃO, A. M. V.; ESTEVÃO, B. Concepções sobre as noções de justiça e de tribunal em crianças dos 6 aos 10 anos: a voz das crianças. **Da Investigação às Práticas**, v. 10, n. 2, p. 50–68, 2020.

MAURICIO, A. C.; BUENO, G. Psicologia Social Comunitária na Escola: Grêmio Estudantil e Pertencimento. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 3, p. 231–242, 2019.

MELO, L. C. B. DE; LEONARDO, N. S. T. Sentido do ensino médio para estudantes de escolas públicas estaduais. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, 2019.

MENDONÇA, K. J. R.; PIRES, F. F. AS APRENDIZAGENS RITMADAS PELAS CRIANÇAS: Batucando na Escola Viva Olho do Tempo (João Pessoa, PB). **Educação em Revista**, v. 36, p. 1–16, 2020.

MONTEALEGRE, R. Controvérsias piaget-vygotski em psicologia do desenvolvimento. **Acta Colombiana de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 271–283, 2016.

NASCIMENTO, A.; SENA NASCIMENTO, G. Dificuldades Na Aprendizagem Escolar, Atraso Motor E Prática De Atividade Física: Revisão Sistemática. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 24, n. 1, p. 61–66, 2020.

NICOLIELO-CARRILHO, A. P.; HAGE, S. R. DE V. Metacognitive reading strategies of children with learning disabilities. **Codas**, v. 29, n. 3, p. 1–6, 2017.

OLÍMPIA, M.; PAIVA, A. DE; LOURENÇO, A. A. Abordagens ao ensino: implicações no processo de

aprendizagem dos alunos Approaches to teaching: implications in the process of the students learning Enfoques de enseñanza: implicaciones en el proceso de cuidado em encontrar os fatores de influência no. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 1022–1041, 2017.

OLIVEIRA, B. B. DE; CABRAL, R. P. Psicopedagogia: Um olhar Para a maternagem no desenvolvimento da aprendizagem do sujeito. **Rev. Psicopedagogia**, v. 36, n. 109, p. 34–46, 2019.

OLIVEIRA, L. H.; STEIN, L. M. A autorregulação, avaliação e promoção da aprendizagem por meio da prática de recuperação da memória. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 1, p. 55–62, 2018.

OLIVEIRA, P. DE; LACERDA, C. B. F. A trajetória histórica dos estudos e pesquisas sobre a dislexia: a busca pela compreensão do fenômeno. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 4, p. 791–801, 2018.

ORTEGA, E. M. V.; WIEZZEL, A. C. S.. Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Educação Matemática e acesso ao saber matemático pelos professores dos anos iniciais. **ECCOM**, v. 12, n. 23, jan./jun. 2021.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na criança**. Editora: Livros técnicos e Científicos. 1990.

PONTES, E. A. S. Os Quatro Pilares Educacionais no Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática. **Revista Iberoamericana de Tecnología en Educación y Educación en Tecnología**, n. 24, p. e02, 2019.

POZZOBON, M.; MAHENDRA, F.; MARIN, A. H. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 387–396, 2017.

RAAD, I. L. F. As ideias de Vigotski e o contexto escolar. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 100, p. 98–102, 2016.

RODRIGUES, S. DAS D.; CIASCA, S. M. Tradução e adaptação para o português (brasileiro) da bateria de aferição de competências matemáticas (BAC-MAT). **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 113, p. 168–182, 2020.

SANTOS, A. M. DOS et al. Ensino e aprendizagem na visão do estudante. **Revista ibero-americana de estudos em educação**, v. 12, n. 4, p. 2193–2209, 2017.

SANTOS, J. B. G. et al. Sinais sugestivos de estresse infantil em escolares com transtorno de aprendizagem. **Revista CEFAC**, v. 18, n. 4, p. 854–863, 2016.

SANTOS, L. B.; SGARBI, A. D. Escola E Comunidade: Pesquisa E Extensão Em Busca Da Cidadania Emancipatória. **Revista Brasileira De Extensão Universitária**, v. 9, n. 3, p. 135, 2018.

SEIBT, C. L. et. al. Aprendizagem e sala de aula no ensino médio a partir da perspectiva do educando. **Revista Cocar**, v. 13, n. 27, Set./Dez./2019.

SILVA, G. P. et al. PAR Educativo – a manifestação do vínculo com a aprendizagem. **Vínculo – Revista do NESME**, 2016, v.13, n.1, pp.46-55, 2016.

SILVA, N. S. M.; CRENITTE, P. A. P. Performance of children at risk for reading difficulties submitted to an intervention program. **Codas**, v. 28, n. 5, p. 517–525, 2016.

SIMÕES, E. M. DOS S.; NOGARO, A.; YUNG, H. S. Teorias da aprendizagem e neurociência cognitiva: possíveis aproximações. **Revista COCAR**, v. 12, n. 23, p. 85–113, 2018.

SOUSA, I.; FERREIRA, E. As Possibilidades de um Perfil de Aluno/a enquanto Cidadão/ã Criativo/a. 2019.

SOUZA, J. C. et al. A influência das emoções no aprendizado de escolares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 101, n. 258, p. 382–403, 2020.

SUEHIRO, A. C. B.; BORUCHOVITCH, E.; SCHELINI, P. W. Estratégias de aprendizagem e a regulação da emoção no Ensino Fundamental. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 3supl, p. 90, 2018.

THUMÉ, E. et. al. Reflexões dos médicos sobre o processo pessoal de aprendizagem e os significados da especialização à distância em saúde da família. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n. 9, p. 2807–2814, 2016.

TOMIO, D.; SCHROEDER, E.; ADRIANO, G. A. C. A análise microgenética como método nas pesquisas em educação na abordagem histórico-cultural. **Reflexão e Ação**, v. 25, n. 3, p. 28, 2017.

UMEKAWA, E. E. R.; ZERBINI, T. Estratégias de aprendizagem na educação a distância: revalidação de uma escala. **Psico**, v. 51, n. 2, p. e29638, 2020.

VYGOTSKY, L. S. Compensatory processes in the development of the retarded child. **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. 1–22, 2018.

VYGOTSKY, L. S. 1984. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 132 p.

VYGOTSKY, L. S. 1987. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, p. 157.

VYGOTSKY, L. S. 1982. *Obras Escogidas: problemas de psicologia geral*. Fuenlabrada/ Madrid: Gráficas Rogar, p. 387.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZAIA, L. L.; SARAVALI, E. G. Aprender Em Piaget: O Significado Da Inclusão a Partir Das Possibilidades De Desenvolvimento E Aprendizagem De Nossos Alunos. **Ensino em Re-Vista**, v. 0, n. 0, p. 175–186, 2011.

ZUCCHETTI, D. T.; DE MOURA, E. P. G. Educação integral. Uma questão de direitos humanos? **Ensaio**, v. 25, n. 94, p. 257–276, 2017.

